



NÚMERO
DAS
MARCHAS
DOS
BAIRROS
DE
ALFAMA
S. VICENTE
GRAÇA
C. OURIQUE

GAZETA
DOS
CAMINHOS
DE
FERRO



N.º 1263

1-AGOSTO-1940



31400

Mobílias alentejanas
Mobílias modernas
Mobílias de Malaca (Rotin)
Mobílias de verga

Carpets do Cairo, chinesas, japonesas e nacionais,
Tapetes, Passadeiras Capachos para automóveis, Stores
para janelas, Malas de viagem em verga e fibra, Cestos
para tôdas as aplicações, etc.

Grandes Armazens das Ilhas

FÁBRICA, DEPÓSITO E EXPOSIÇÃO:

Rua de S. Bento, 120 a 130 — LISBOA

Telefone 6 4156

SUCURSAL:

Avenida Almirante Reis, 64-A a 64-D — LISBOA

Telefone 4 3527



A principal casa neste género no País

Fornecedora da Exposição do Mundo Português

Grande RESTAURANTE Lião d'Ouro

Completamente **RENOVADO**
e **MODERNISADO**

Almoços e jantares
primorosamente servidos

MANTENDO AS EXCELENTES TRADIÇÕES
DE BEM SERVIR a sua escolhida clientela
continua a ser O MELHOR restaurante
da capital

INCOMPARÁVEL SERVIÇO DE MESA «à la carte»
TRATAMENTO de primeira ordem

*Cosinha esmeradíssima por um
dos melhores mestres cosinheiros*



*Frequentado pelas melhores famílias
e preferido pela boa sociedade*

Anexo um elegante BÀR onde o mais exigente encontrará, a preço módico,
TODA A ESPÉCIE de bebidas nacionais e estrangeiras

Cervejaria--Mariscos--Aperitivos--Vermouths e Wiskies famosos

AOS VISITANTES DA EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS:

A COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO
recomenda êste confortável e elegante Restaurante a dois passos da «gare» de Lisboa
e na privilegiada situação de estar no centro da cidade muito próximo das linhas
de eléctricos para a Exposição de Belém

Yornehmes Haus in Sentraler Lage

Cuisine de premier ordre—Cuisine à la portu-
gaise—American-Bar—Le meilleur restau-
rant de Portugal et un des meilleurs de
la Péninsule. Recommandé aux familles.

Moderate prices—Up to date—For families
—Rendez-vous of society—Personal attention
RECENTLY MODERNISED

El mejor restaurante y mejor situado. Comedor
amplio y moderno. Junto à la estacion.

Restaurante

RUA 1.º DE DEZEMBRO

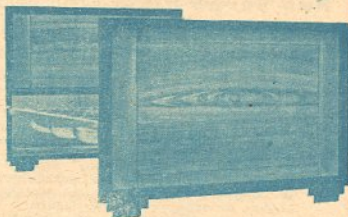
LIÃO D'OURO

ANATAGILDO MENDES, L.^{DA}

RUA DO CARDAL A' GRAÇA, 4

Telef. 4 3914

LISBOA



Secção de:

LATOARIA, SERRALHARIA
E MÓVEIS DE FERRO

Trabalhos em fôlha, ferro, zinco, latão e cobre

Fornecedores dos Hospitais Cíveis de Lisboa

EXECUTAM-SE TODOS OS TRABALHOS COM
— PERFEIÇÃO E RAPIDEZ —

Orçamentos gratis

Companhia do Caminho de Ferro de Benguela

CAPITAL ACCÕES — Esc. 330.000.000\$00

CAPITAL OBRIG. — Esc. 1.063.365.600\$00

S É D E E M L I S B O A

LARGO DO QUINTELA, 3

COMITÉ DE LONDRES:

PRINCES HOUSE, 95, GRESHAM STREET, E. C. 2

Linha férrea construída e em exploração:
Desde o Lobito à Fronteira, quilómetros
1.347. Distância do Lobito à região mi-
neira da Katanga: Quilómetros 1.800

COMPANHIA DE SEGUROS



Europeia

Capital realizado: 560.000\$00

SEDE

Rua Nova do Almada, 64, 1.º

TELEFONE 20911

L I S B O A

Seguros de ACIDENTES e DOENÇAS

TARIFAS ESPECIAIS PARA OS FERROVIÁRIOS

Serviço combinado com os Caminhos de Ferro para
seguros de Passageiros, Bagagens e Mercadorias.

“A Nova Loja de Candeieiros”



Vende ao preço da tabela: Fogões, Esquentado-
res, Lanternas e todos os artigos da VACUUM

Única casa no género que tem ao seu serviço pessoal
técnico que pertence àquela Companhia, tomando respon-
sabilidade em todos os concertos que lhe sejam confiados

R. Horta Sêca, 24-LISBOA-Tel. 2 2942

LATOARIA MACIEL, L.^{DA}

PREMIADA EM VÁRIAS EXPOSIÇÕES



Fabricantes de lanternas de todos os estilos, e suplementares para cinemas, alambiques para destilações, banheiras de todos os sistemas, esquentadores, escalfetas, etc. Completo sortimento de loiças de folha, ferro esmaltado e de alumínio. Executa todos os trabalhos da sua indústria



Rua da Misericórdia, 63-65-LISBOA-Telef. 22451

LOJA DE VASSOUREIRO, CORDOEIRO, CESTEIRO e PRODUTOS DO ALGARVE

FUNDADA EM 1 DE JANEIRO DE 1905

DE

ARNALDO NUNES PINTO

VENDAS POR GROSSO E MIUDO

Vassouras de palma, junco, piassaba com cabo, de argola e com arame. Alcofas, esteiras gorpelhas, alfinete, tamiça, escovas para esfregar, de fato, graxa, lustro, etc. Espanadores de cabelo e penas, artigos de verga, de cordoeiro, palitos para dentes, junco para preleiras, rafia, cachos de espárito, feipa, grade, cairo, pita e todos os artigos da sua arte

10-C, RUA DE ALCANTARA, 10-D

LOGAR N.º 9, MERCADO DE ALCANTARA

DEPÓSITO - TRAVESSA DO FIUZA, 35 - LISBOA

FORNECEDOR DA C. P.

Machado, Repas & Silva, L.^{da}

Fornecedores dos Caminhos de Ferro Portugueses
Repartições Públicas e principais Papelarias

ENCADERNAÇÕES EM TODOS OS
GÊNEROS PAUTADOS E RISCADOS

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS

Rua da Emenda, 29

Telefone 24512

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO DE**Alexandre João de Deus**

Livros de escrituração comercial, Encadernações simples e de luxo, Pastas em todos os generos, Alburns para bilhetes postais, Caixas para arquivo, Copiadores, etc. - Secção de pauta. Pautados e diversos riscados, mesmo os mais difíceis

BOA EXECUÇÃO E PREÇOS MÓDICOS

R. do Diário de Notícias, 148

Telefone 2 2758

LISBOA

Fornecedor da C. P.

Hospital da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade**Rua Serpa Pinto (Ao Chiado), 7 - LISBOA**

Telefones 2 5235-2 8365 e 2 0997

Aceitação de doentes para operações e tratamentos. Instalações higiénicas para as classes pobres, em confortáveis enfermarias e quartos particulares, de 2500 a 3500. Quartos de 1.ª e 2.ª classe com antecâmara, chauffage, sinalização electrica e telefone privativo desde 5000. Salas das operações com os últimos aperfeiçoamentos e com entrada especial para auto-maca pela Rua da Luta. Enfermagem cuidadosa por pessoal diplomado. Os médicos operadores e os assistentes são de livre escolha dos enfermos e estes podem fazer-se acompanhar de uma pessoa de familia. Esclarecimentos pelo correio ou na secretaria do Hospital das 11 às 19 horas.

Confirmado!...

QUE A

COLCHOARIA NACIONAL, L.^{DA}

é a casa da especialidade que em melhores condições fornece V. Ex.^a - Colchoarias de todas as qualidades - Divans - Lavatórios - Malas para roupa e viagem, Móveis desarmados, etc.

Secção de Mobílias com modelos modernos
a preços económicos

Rua Cavaleiro d'Oliveira, 36-A 36-B 36-C

Telefone 5 1028

**TINTURARIA ITALIANA
Liotta & C.º Ltd.****R. Maria Pia, 479 LISBOA Telefone 6 0812**

Lavagem a seco de fatos, vestidos de senhora em todos os géneros, crêpe, veludo, cobertores, rendas, bordados, peles, plumas, cortinas, feltros, panamá, tapetes, etc.

Luto em 48 horas**MANDA BUSCAR E ENTREGAR A DOMICÍLIO**

Com as seguintes SUCURSAIS:

R. Alexandre Herculano, 41-A - R. do Sol ao Rato, 41**Rua Infante D. Henrique, 10****Rua General Taborda, 29 e Rua Latino Coelho, 49****«Masonite»****S. A. Feltrinelli Masonite - Bolzano - Itália**

Paineis de madeira desfibrada e cientificamente reconstituída. Aplicada em Lambris, carrocerias, carruagens de caminho de ferro, isolamentos, etc. - Chapas de grandes dimensões: metros 4,50 x 1,25 - :: -

REPRESENTANTE:

Sociedade Comercial Luso Italiana, Ld.^a**TRAVESSA DAS SALGADEIRAS, 7****LISBOA**

Telefone: 4 2563

Companhia Colonial de Navegação

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

Carreira rápida da Costa Oriental e Ocidental
Saídas de Lisboa no 2.º Sábado de cada mês pelas 12 h.

Carreira rápida da Costa Ocidental

Saídas de Lisboa no 3.º Sábado de cada mês, pelas 12 h.

Carreira da Guiné

Saídas de Lisboa de 40 em 40 dias, pelas 12 horas

Lisboa—Rua Instituto Virgílio Machado, 14
(à Rua da Alfândega) TELEFONE 20052
Escritórios } Pôrto—Rua do Infante D. Henrique, N.º 9
TELEFONE 2542

Agencia Internacional Aduaneira

MANUEL B. VIVAS, LIMITADA

TRANSPORTES INTERNACIONAIS

DESPACHOS, TRANSITO E REPRESENTAÇÕES

Casas em:

LISBOA VILAR FORMOSO

RUA DO ARSENAL, 124, 1.º (FRONTEIRA PORTUGUESA)

End. Teleg.: TRANSPORTES End. Teleg.: VIVAS

BEIRAM (MARVÃO)

(FRONTEIRA PORTUGUESA)

PORTO

TRAV. DA PICARIA, 9-B, 2.º End. Teleg.: VIVAS

TINTURARIA Cambournac

11, LARGO DA ANUNCIADA, 12

TELEFONE 2 6415

Sucursal no Pôrto: RUA DE S.ª CATARINA, 380

Officinas a vapor — RIBEIRA DO PAPEL

Tintas para escrever de diversas qualidades
rivalizando com as dos fabricantes
ingleses, alemães, e outros

Tinge seda, lã, linho e algodão em fio ou em tecidos bem como
fatos feitos ou desmanchados—Encarrega-se de reexpedição pelo ca-
minho de ferro ou qualquer outra via—Limpa pelo processo
parisiense fatos de homem, vestidos de seda ou de lã, etc., sem
serem desmanchados—Os artigos de lã, limpos por este pro-
cesso, não estão sujeitos a serem atacados pela traça

Thomaz da Cruz & Filhos, Ltd.ª

Armazéns de madeiras e Fábricas Mecânicas de Serração

PRAIA DO RIBATEJO, PAMPILHOSA
DO BOTÃO, CAXARIAS E CARRIÇO

CAIXOTARIA

DOCA DE ALCANTARA
LISBOA

Séde para onde deve ser dirigida toda a correspondência:

PRAIA DO RIBATEJO—PORTUGAL
TELEFONE PRAIA 4

Escritórios—L. DO STEPHENS, 4-5—LISBOA
Telegramas: SNADEK—LISBOA Telefone: 2 1868

SUCATAS

DE

Cobre, Latão, Bronze, Chumbo, Zinco, Alumínio, Ferro
Fundido, Ferro Forjado e Folha de Flandres.
Bem como: Carris da C. P., Linha Decauville e Vagone-
tas, Barris, Bidons, Tubagem, Veios de transmissão,
Tambores e chumaceiras, Tanques de ferro, Chapa
ondulada, Máquinas e Acessórios, etc., etc.

Não comprem nem vendam sem consultarem

A CASA

António dos Santos e Silva

Avenida 24 de Julho, 172—Travessa do Balaarte, 1-3 e 5
TELEFONE 61732 TELEGRAMAS: NEWTINCUT

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º Telef. 26519

Dr. Armando Narciso—Medicina, coração e pulmões—às 5 horas
Dr. Bernardo Vilar—Cirurgia geral, operações—às 5 horas
Dr. Miguel de Magalhães Rins e vias urinárias—às 10 horas
Dr. Correia de Figueiredo—Pele e sífilis—às 6 horas
Dr. R. Loff Doenças nervosas, electroterapia—às 5 horas
Dr. Mario de Mattos Doenças dos olhos—às 2 horas
Dr. Mendes Bello Estomago, fígado e intestinos—às 4 horas
Dr. Filipe Manso Doenças das crianças—às 12 horas
Dr. Casimiro Afonso Doenças das senhoras e operações—às 2 horas
Dr. Francisco Catheiros Garganta, nariz e ouvidos—às 5,30 horas
Dr. Armando Lima Bôca e dentes, prótese—às 12 horas
Dr. Aleu Saldanha Raio X—às 4 horas

ANÁLISES CLÍNICAS

RAUL JORGE

OFICINAS DE REPARAÇÕES

D E

Automóveis de Motores de Explosão

Rua Leão de Oliveira, 9

(ALCANTARA)

LISBOA

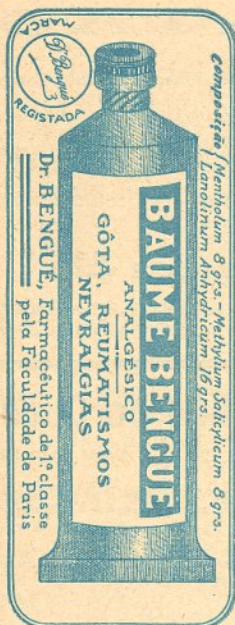
TANK

O enxugador IDEAL para Escrita

PRÁTICO, ELEGANTE E, SOBRETUDO, ECONÓMICO



Exija no seu fornecedor



O mais
antigo
analgésico
de
resultados
seguros

Tubo Esc. 12\$00

Em qualquer Farmácia

Meco, Limitada

FÁBRICA DE SOBRESCRITOS
FAÇONAGEM DE PAPEIS

Depósito de papeis e cartolinas de todas
as qualidades Nacionais e Estrangeiras

20, Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 25

Telefone 20496—27316—P. B. X.

LISBOA

AGENTE NO PORTO

J. LEMOS JÚNIOR

Rua das Flores, 45, 2.º

P O R T O

MADEIRAS

em Tóros, Vigas, Pranchas e Réguas
de 1"×3" para ladrilhos (tacos)

Madeiras
do BRASIL

Macacauba — Pérola Rosa
Pau Amarelo — Pau Roxo
Pau Marfim — Sicupira
Acaju — Louro — Angelim
Freijó — Mogno — Aguano
Cedro — Marujá — Mangue,
— Jacarandá, etc. etc.

Madeiras da AMÉRICA,
SUÉCIA, etc.

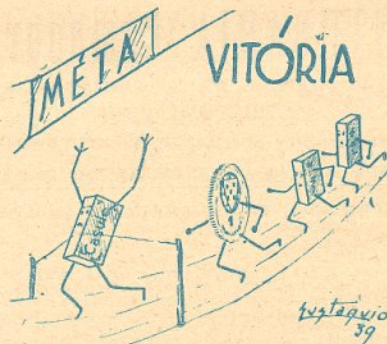
Pitch-pine — Casquinha
Oregon-pine — Nogueira
Seda — Faia — Carvalho liso
Carvalho flôr — Spruce
Mogno de Honduras — Teca
da Índia — Contraplacados
de 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e
— 10"m etc., etc.

MELO & CASTRO, L.^{DA}
IMPORTADORES

ARMAZÉM E ESCRITÓRIO:

Avenida 24 de Julho, 172-A, B, C

End. Teleg. BALUARTE — Telef. 6 1628 — LISBOA



ATÉ QUE ENFIM!

Apareceu um produto que pela sua qualidade
conseguiu bater o competidor julgado invencível:

O VALOR DO SEU CUSTO

O afamado sabão de seda (**Sabão puro**) com ou sem aroma
da marca «Casulo» obteve essa Vitória

O melhor, o mais económico e o mais indicado para
todas as vossas lavagens.

A venda a peso e em «tablettes» em todas as boas drogas do país

A PESO



Com aroma
Sem aroma

Sabão de seda



uma marca, uma
qualidade superior

EM «TABLETTES»



Cada 3\$50

OFICINAS GRÁFICAS

Bertrand (Irmãos), L.^{da}

Fotogravura em todos os géneros. Reprodução de Aguarelas, Óleos, etc. Trabalhos tipográficos em todo o género. Offset, Fotocromo, Cartazes, etc. :: :: ::

Travessa Condessa do Rio, 27

L I S B O A

PEÇAM ORÇAMENTOS

LITOGRAFIA

TELEFONE 2 6212

CASTRO

CASA FUNDADA EM 1850

DE

MANOEL DA COSTA MONTEIRO

SUCESSOR

MANOEL VICTOR MONTEIRO

TRABALHOS COMERCIAIS
ARTÍSTICOS E DE LUXO
ACÇÕES, LETRAS, CHEQUES,
MAPAS, CARTAZES, ROTU-
LOS, MUSICAS, ETC., ETC.

LARGO DA MADALENA

ENTRADA: T. DAS PEDRAS NEGRAS, 1

L I S B O A

A capa desta Revista foi executada nas nossas oficinas

MANUAL DO VIAJANTE
EM PORTUGAL

1.º VOLUME

L I S B O A

e

ARREDORES

7.ª EDIÇÃO

À VENDA
EM TODAS
AS LIVRARIAS

Manufacturas de Produtos Químicos

GOMES & NUNES

Fornecimento completo para Armazens, Companhias, etc.



Marca registada

Pomadas, Crèmes e Tintas para Calçado - Vernizes e Colas - Cêras em Marcas - Tintas de escrever - Marcas: «Victoria» - «Iris» - «River» -

Fábrica, Armazém e Escritório

6-A Caminho Forno do Tijolo-8

Telefone 4 4631

SEGUROS...

A MUNDIAL

O MAIOR ORGANISMO SEGURADOR PORTUGUÊS

Séde em Lisboa:

Largo do Chiado, 8

Filial no Porto:

P. Gomes Fernandes, 10

Agentes por todo o país

ASCENSORES «FORTIS»

TELEFONES 6 0569 E 6 4386

A
CONSTRUTORA
DE
ASCENSORES
E
MONTA
CARGAS

OFICINAS

R. de S. Bento, 634-Portas-C D
LISBOA-PORTUGAL

MARCA REGISTADA
Endereço telegráfico - FORTIS - LISBOA

FABRICA DE CARIMBOS EM TODOS OS GENEROS

F. F. DE SOUSA & SILVA, L.^{DA}

Chapas esmaltadas

SELOS EM BRANCO

ETIQUETAS

Alcantes para selar a chumbo

SINETES PARA LACRAR

CARIMBOS

para marcar roupa

Caixas com tipo de borracha

ANEIS com gravuras

BRAZÕES E MONOGRAMAS

Datadores e Numeradores

EMBLEMAS PARA SPORT

ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO

E DE NOVIDADE

157-159, Rua do Ouro - LISBOA - Telefone 2 7915

VIUVA MACIEIRA & FILHOS

Fábricas de papel para Escrever, Impressão, Embrulho e de Sacos de Papel

Armazém de Papéis nacionais e estrangeiros e Papelão

PAPELARIA

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÊNEROS

Únicos importadores do papel para cigarros «DUC»

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Rua da Madalena, 10 a 22

TELEF. { ESCRITÓRIO: 2 6066
PAPELARIA: 2 6067

Lisboa

CANTINHO DA SORTE

D. Martins & Martins Lda.

Poço do Borratem, M. M. L.

LOTARIAS, VALORES SELADOS E TABACOS

Telefone 2 2340

LISBOA

Companhia de Moçambique

TERRITÓRIO DE MANICA E SOFALA
África Oriental Portuguesa - Capital: Beira

Esta região, com a superfície de 154.000 quilómetros quadrados, é considerada uma das mais férteis do continente africano, destacando-se na sua produção agrícola, o milho, o açúcar e o algodão. O porto da Beira, dotado de cais acessível e magnificamente apetrechado, é servido por duas linhas férreas que ligam o território às regiões limítrofes de Oeste e do Norte. - A construção da ponte sobre o Zambeze aumentou a zona de influência económica do porto, facilitando as suas comunicações com a Niassalândia

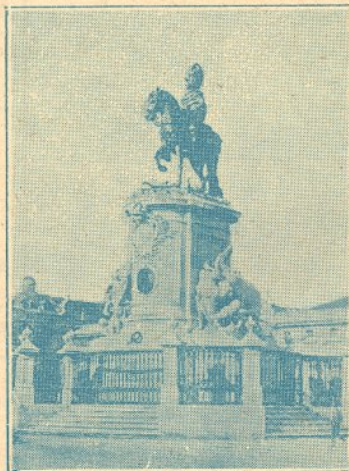
PARA INFORMAÇÕES

EM LISBOA

L. da Biblioteca Pública, 10
(Sede da Companhia)

NA BEIRA

Secretaria Geral do Governo
do Território



Estátua de D. José I



AVEIRO — Frota bacalhoeira

GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO

REVISTA QUINZENAL FUNDADA EM 1888

COMÉRCIO E TRANSPORTES ECONOMIA E FINANÇAS — ELECTRICIDADE E TELEFONIA — OBRAS PUBLICAS
— NAVEGAÇÃO E AVIAÇÃO — AGRICULTURA E MINAS — ENGENHARIA — INDÚSTRIA E TURISMO

Integrada na «Associação Portuguesa da Imprensa Técnica e Profissional»
e na «Federação Internacional da Imprensa Técnica e Periódica»

Premiada nas exposições: GRANDE DIPLOMA DE HONRA: Lisboa, 1898. — MEDALHAS DE PRATA: Bruxelas, 1897; Pórtó, 1897; Liège, 1906;
Rio de Janeiro, 1908; Pórtó, 1934. — MEDALHAS DE BRONZE: Antuérpia, 1894; S. Luiz, (Estados Unidos), 1904

Delegado em Espanha: EUGENIO DEL RINCON, Don Ramón de la Cruz, 83 — Madrid
Delegado no Pórtó: ALBERTO MOUTINHO, Avenida dos Aliados, 54 — Telefone 893

FUNDADOR

L. DE MENDONÇA E COSTA

DIRECTORES

Conselheiro FERNANDO DE SOUSA
ENGENHEIRO

CARLOS D'ORNELLAS
(Editor e Proprietário)

SECRETARIOS DA REDACÇÃO:

OCTÁVIO PEREIRA

ARMANDO FERREIRA
ENGENHEIRO

REDACÇÃO

Eng.º M. DE MELO SAMPAIO
DR. AUGUSTO D'ESAGUY
JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAS
Dr. ALFREDO BROCHADO
ANTÓNIO GUEDES
JOSÉ A. DA COSTA PINA
ALEXANDRE SETTAS

COLABORADORES:

General JOÃO DE ALMEIDA
General RAUL ESTEVES
Coronel CARLOS ROMA MACHADO
Coronel Eng.ª ALEXANDRE LOPES GALVÃO
Coronel de Eng.ª ABEL URBANO
Engenheiro CARLOS MANITTO TORRES
Capitão de Eng.ª MÁRIO COSTA
Engenheiro D. GABRIEL URIGUEN
Capitão de Eng.ª JAIME GALO
Capitão HUMBERTO CRUZ
ANTONIO MONTEZ

DELEGAÇÕES

Espanha — EUGENIO DEL RINCON
Pórtó — ALBERTO MOUTINHO

PREÇOS DAS ASSINATURAS E NÚMEROS AVULSO

PORTUGAL (semestre).	30\$00
ESTRANGEIRO (ano) £	1.00
FRANÇA (ano) francos.	100
ÁFRICA (ano).	72\$00
Empregados ferroviários (trimestre) . . .	10\$00
NÚMERO AVULSO.	3\$00
NÚMEROS ATRAZADOS	5\$00

SUMÁRIO DÊSTE NÚMERO

Aveiro, Frota bacalhoeira. — O Caminho de Ferro de Benguela em 1939, pelo Eng.º J. FERNANDO DE SOUZA. — A Assembleia da «C. P.». — O novo paquete «Serpa Pinto» — J. Emilio Mateus. — Publicações Recebidas. — A Guerra e os Caminhos de Ferro. — Ecos & Comentários, por SABEL. — Roteiro dum reporter, por JORGE RAMOS. — Capitão Américo dos Santos. — O novo paquete «Serpa Pinto». — Parte Oficial. — A inauguração do Pavilhão dos Portos e Caminhos de Ferro. — Comemorações Centenárias nas Caldas da Raíña. — O Cortejo do Mundo Português e a representação dos Açores, por CUNHA CORREIA JÚNIOR. — Tradição das Marchas, por NORBERTO D'ARAÚJO. — As Marchas dos Bairros de Lisboa, por REBELO DE BETTENCOURT.



O Caminho de Ferro de Benguela

em 1939

Pelo Eng.º J. FERNANDO DE SOUZA

TEMOS presente o Relatório e Contas de 1939, da Companhia de Caminhos de Ferro de Benguela, de que importa dar notícia, como nos anos anteriores, em vista da importância dessa linha africana.

As receitas em África atingiram 40.285 contos, ou mais 563 que no ano anterior.

Esse aumento resulta de 175 contos em passageiros e 788 em diversos, encontrados com 400 menos em mercadorias.

As receitas, que haviam atingido excepcionalmente 45.294 contos em 1937, mantem-se nos últimos dois anos à roda dos 40.000.

As despesas ordinárias subiram a 25.062 contos, ou mais 2.663 que em 1938.

Acrescem em cada ano 7.150 contos arbitrados ao fundo de renovações, o que elevou a despesa em 1939 a 32.212 contos.

Dêse fundo gastaram-se 3.239 contos em trabalhos, ficando elevado o saldo a 24.853.

Prossegue a amortização das obrigações com os lucros líquidos. Continuam também os trabalhos de colonização ao longo da linha e as plantações de eucalipto, que somam já 2 milhões de árvores e é autorizada a plantação de 1 milhão em cada ano, o que assegura grandes reservas de combustível.

Foi reformado o regulamento da Caixa de Reformas e Pensões para abranger o pessoal contratado.

A Conta de Ganhos e Perdas

acusar um saldo de 5.586 contos destinados ao fundo de amortização das obrigações.

O coeficiente de exploração foi de 0,799, pouco superior ao de 1938, que foi de 0,741.

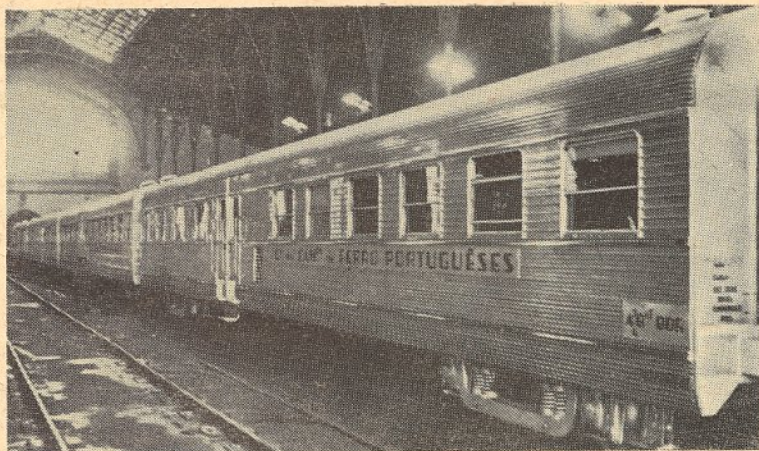
Os 1.347 quilómetros explorados tiveram a receita, por qui-

lómetro, de 29.907\$ e a despesa de 23.914\$ com a receita líquida de 5.993\$, o que representa, na presente conjuntura, um resultado lisonjeiro.

O mapa seguinte dá a descrição das receitas e de tráfego:

Mapa das Receitas de África do ano de 1939

DESIGNAÇÃO	RECEITAS ORDINÁRIAS		TOTAIS
	Quantidades	Importâncias	
Passageiros			
1.ª classe.	2.644	870.027\$18	
2.ª classe.	15.079	1.024.913\$69	
3.ª classe.	63.354	332.772\$07	
Indígenas	121.708	733.845\$50	
Suplementares		217.256\$72	3.178.815\$16
Grande Velocidade			
Bagagens Quilos	628.068	619.310\$26	
Mercadorias. »	2.362.898	555.212\$95	
Carruagens e gado	1.525.381	179.157\$41	
Diversos		34.447\$46	1.388.128\$08
Pequena Velocidade			
Mercadorias-tráfego interno Quilos	44.341.638	14.876.049\$44	
Carruagens e gado	830.026	286.733\$27	
Transportes de serviço . . . Quilos	67.392.125	183.642\$29	
Minério »	42.465.428	10.937.576\$85	
Tráfego internacional	29.569.145	5.614.987\$44	
Diversos		758.007\$49	32.656.996\$78
Receitas fora do Tráfego			
Aluguer de material circulante . . .		17.453\$80	
Venda de água		48.357\$30	
Telegramas	6.400	149.114\$55	
Armazenagens		10.064\$15	
Receitas hospitalares.		26.609\$20	
Receitas eventuais		2.202.683\$94	
Compensação de despesas		606.904\$91	3.061.187\$85



Um dos Combóios modernos em Exposição na Estação do Rossio

A Assembleia da "C. P."

Foi aprovado o Relatório e Contas da Gerência de 1939, tendo sido reconduzidos os titulares aos cargos considerados vagos

Como havíamos anunciado, realizou-se no dia 20 do mês passado, em segunda convocação, a assembleia geral da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, a fim de discutir o relatório e contas da gerência de 1939 e preenchimento dos cargos considerados vagos.

Os trabalhos iniciaram-se às 15 horas, presidindo o sr. dr. Bustorff Silva, o qual se fazia secretariar pelos srs. dr. Alberto Xavier e José Parreira.

Ao abrir a sessão o sr. Presidente prestou homenagem à memória do dr. António Ginestal Machado, delegado do Governo junto da «C. P.», falecido há pouco, e que durante 30 anos prestou relevantes serviços àquela Companhia.

Associando-se a esta homenagem, falaram os srs. Lucas dos Reis, em nome dos accionistas de Santarém; eng.º Vasconcelos Correia, em nome do Conselho da Administração da «C. P.»; dr. António Centeno, pelo

Conselho Fiscal; Secundino Branco, pela Companhia da Beira Alta, que propôs, finalizando, dois minutos de silêncio em memória do falecido. A Assembleia aprovou ainda, que o voto de profundo pesar fôsse comunicado à família do dr. Ginestal Machado.

Prestadas estas homenagens, o sr. eng.º Vasconcelos Correia tomou a palavra dizendo que tinha o maior prazer em anunciar à assembleia que a «C. P.» dispunha agora de novas e cómodas carruagens destinadas ao tráfego, de moderno fabrico americano, e que entrarão em serviço em Agosto no trajecto Lisboa-Pôrto. Convidou os accionistas a visitá-las na «Gare» do Rossio, para o que o sr. Presidente declarou a assembleia suspensa, imediatamente, pois, as vias não podiam estar impedidas por muito tempo. Foi aprovado.

Os accionistas presentes, acompanhados pelos demais membros do Conselho de Administração, dirigiram-se seguidamente para o pavilhão superior onde se encontravam algumas das nossas carruagens, cujas características e aspecto já foram descritas nas nossas colunas em devido tempo. Estas carruagens haviam sido visitadas, de manhã, pelo sr. Ministro das Obras Públicas.

Após esta curta interrupção, foi reaberta a sessão, tendo o sr. José Parreira lido uma extensa proposta, cujas conclusões visavam a regular a ordem dos trabalhos e a tornar mais curtas as discussões do relatório e contas. Eram do seguinte teor:

«1.º — Em ordem ao bom policiamento da assembleia serão cumpridas as seguintes regras: todo o accionista que pretenda discutir para apresentação de qualquer modificação ao balanço e contas, terá de remeter, previamente, para a mesa, a respectiva alteração, sem o que não poderá usar da palavra.

2.º — Salvas as formalidades de

ritmo próprias da natureza e fins destas reuniões associativas, nenhum accionista poderá usar da palavra mais de uma vez durante 15 minutos, antes da ordem e sobre a generalidade: mais de duas vezes na especialidade, durante 10 minutos da primeira e 5 da segunda.

3.º— Aos conselhos de administração e fiscal esse limite e vez não serão aplicados, confiando se, porém, à categoria dos seus membros o uso e tempo da palavra conforme as circunstâncias o justificarem.

Feita a leitura desta proposta deu-se um incidente, no qual tomaram parte os srs. Cardoso Leitão, Pereira da Rosa, em opposição à mesma, e o sr. dr. Bustorff Silva. Foi posta à votação a proposta do sr. José Parreira, que a mesa deu como aprovada, depois de feita a contagem de votos.

Após vivos protestos, o accionista sr. Raul Mendes de Carvalho, afirmou que o critério seguido para a contagem dos votos era errado.

Estabeleceu-se vivo diálogo entre o orador e o sr. dr. Bustorff Silva, até que este último resolveu, a pedido de alguns accionistas, fazer pessoalmente a contagem dos votos, de que resultou, que embora a anterior contagem estivesse em relação aos accionistas presentes, não o estava em proporção com a representação do capital, pelo que o resultado foi transformado de aprovação para rejeição. O sr. Presidente explicou depois o equívoco.

Entrando-se, depois, na ordem dos trabalhos, o sr. Cardoso Leitão pediu ao Conselho de Administração, que desse aos accionistas explicações

sobre as diligências efectuadas junto do Governo, no sentido de ser alterado o contrato de arrendamento das linhas do Estado.

Seguidamente falou o sr. Coelho dos Reis, o qual apresentou várias considerações sobre a situação dos accionistas, após o que sr. Raul Mendes de Carvalho abordou o relatório e dirigiu felicitações ao conselho de administração pela boa representação que a «C. P.» teve no Cortejo do Trabalho realizado no Porto.

O sr. eng.º Vasconcelos Correia declarou, então, que o conselho de administração da sua presidência tem prosseguido nas diligências para modificar a situação da Companhia. Disso—acrescentou—aparece o fruto nas carruagens agora compradas na América com os empréstimos que as companhias ferroviárias foram autorizadas a fazer. Com a verba dessas transacções virão, ainda, tractores, motores «Diesel» e outro material de que a «C. P.» carece para continuar a melhorar os seus serviços, como é, aliás, pensamento constante e firme do conselho de administração.

Falou de novo o sr. Cardoso Leitão, o qual agradeceu os esclarecimentos do sr. eng.º Vasconcelos Correia, dirigindo-lhe felicitações, as quais foram extensivas ao sr. Ministro das Obras Públicas.

Como ninguém mais desejasse usar da palavra, o sr. Presidente pôs o Relatório e Contas do Exercício de 1939 à votação, que foi favorável.

Aprovou-se, depois, o Parecer do Conselho Fiscal, que tinha as seguintes conclusões:

«1.ª— Que aprovei o relatório, balanço e contas do conselho de

administração, relativamente ao ano de 1939.

2.ª— Que o saldo credor da conta de «Ganhos e Perdas», em 31 de Dezembro de 1939, no valor de 62.630\$17, tudo conforme liquidação do exercício na antiga rede da Companhia, seja passado para conta nova; e que o «déficit» a repartir na importância de 12:781.912\$82, por efeito da liquidação do mesmo exercício na antiga rede do Estado, seja escripturado na forma dos anos anteriores, em conta de resultados das antigas linhas do Estado.

3.ª— Que manifestei o vosso pesar pelo falecimento de mr. Maurice Lewandowsky e eng.º António de Avelar Ruas, que foram, respectivamente, administrador e chefe de divisão da Companhia, consignando na acta um voto de sentimento.

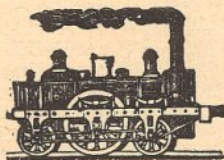
4.ª— Que aprovei um voto de louvor ao conselho de administração e à comissão executiva, pelo seu incansável esforço e diligente cuidado de bem gerir os interesses que lhes estão confiados.

5.ª— Que aprovei também um voto de louvor à direcção geral, chefes de divisão e de serviço e mais pessoal da Companhia, pelo seu dedicado zelo e comprovada disciplina no desempenho dos respectivos lugares.

O voto de louvor ao conselho de administração foi por aclamação aprovado.

Aprovou-se em seguida um voto de louvor ao conselho fiscal.

Foram depois reeleitos: para o conselho de administração, os srs. prof. Fezas Vital e Roger Montagne, e para o conselho Fiscal o sr. dr. Augusto Vitor dos Santos.



O novo paquete "Serpa Pinto"

Esplêndida unidade da Companhia Colonial de Navegação fica sendo o mais luxuoso e rápido vapor da nossa frota mercante

Uma nova unidade acaba de valorizar a excelente frota da C. C. de Navegação e de enriquecer, por forma apreciável, a Marinha Mercante Nacional: o paquete «Serpa Pinto» de 8.266 toneladas, acionado a óleos e notavelmente apetrechado. Actualmente em viagem pela Africa Portuguesa, o «Serpa Pinto» vai fazer brevemente a carreira do Brasil, iniciada agora pela C. Colonial de Navegação com o seu belo paquete «Colonial». Não obstante tratar-se duma unidade otimamente apetrechada e preparada para bem servir os seus passageiros, quiz a sua nova proprietária adoptá-la às exigências da sua clientela, modificando e melhorando para este efeito algumas das suas instalações. Assim, tornou mais suntuosos os seus camarotes de luxo, rodeou de todas as comodidades modernas os de 1.^a e 2.^a classes e deu aos de 3.^a conforto tão fóra de uso que, pode dizer-se, difficilmente será excedido em qualquer outro paquete, mesmo estrangeiro.

A estensão e largura dos «decks» permitem aos passageiros apreciáveis passeios. As suas 38 casas de banho facultam aos passageiros e à tripulação a prática da boa hygiene exigida pelas condições da vida moderna.

A comunicação com os pisos superiores é feita por ascensor eléctrico, o que representa uma grande comodidade para os passageiros, única aliás, nos navios portugueses. O «Serpa Pinto» é, como se vê, uma unidade que conquista, quer em velocidade, quer em luxo e comodidade o primeiro lugar na frota mercante portuguesa. As adaptações feitas a bordo, a-pesar-de não serem muito grandes, valorizaram muito o belo navio. Além daquelas que já referimos, há ainda a mencionar: o lançamento da escadaria para o salão de jantar da 3.^a classe, as transformações nas salas de jantar da 2.^a e 3.^a classes, a montagem de uma moderna lavandaria eléctrica, a instalação de um bar para a 3.^a classe, etc.

Por esta forma, mais uma vez a Companhia Colonial de Navegação deu provas de que se não poupa a sacrificios para melhorar sempre o serviço, aliás excelente, das suas carreiras.

J. EMILIO MATEUS

A casa J. Emilio Mateus, uma das mais importantes organizações no seu género (Calçada de Sant'Ana 168 — Lisboa) está apta, nas melhores condições, a fornecer telefones e material de primeira ordem para sinalização luminosa, campainhas, etc.

Não podemos deixar de a indicar ao comércio e à indústria, por se tratar, ainda, duma firma competantíssima que têm por bem servir os interesses dos seus inúmeros clientes.

Publicações Recebidas

O Marquês de Pombal acusado e defendido, pelo Eng. João de Saldanha Oliveira e Sousa (Marquês de Rio Maior).

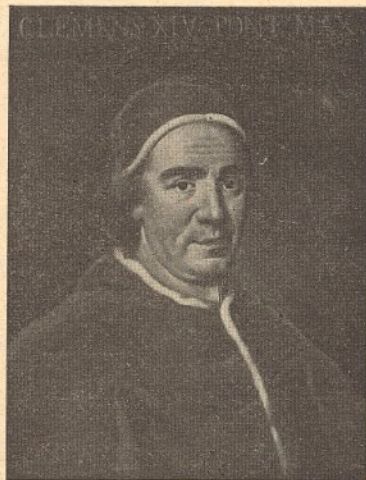
O sr. Marquês de Rio Maior, escritor que vem dedicando o seu interesse à defesa e reabilitação da memória do Marquês de Pombal, publica, agora, o 2.^o tomo da obra «O Marquês de Pombal acusado e defendido», com o sub-título «Desabar de lendas e ocaso de calúnias». E o volume vale, merece a nossa atenção, não só pelos argumentos, bem deduzidos, mas também pela revelação de alguns documentos inéditos, que nos colocam na presença dum Marquês de Pombal diferente daquele cujo perfil tinha sido desenhado por outros escritores, que fizeram da sua história um caso quasi pessoal.

Os trabalhos do sr. Eng. João de Saldanha Oliveira e Sousa (Marquês de Rio Maior) escritos serenamente, com cópia numerosa de documentos novos, hão-de contribuir para um estudo crítico, absolutamente novo, sobre a personalidade, tão discutida, tão injustamente apreciada, pelos seus biógrafos, do notável ministro de D. José. Nem o Marquês foi um verdugo sem coração, nem sob o ponto de vista religioso, deixou de ser cristão e católico. Católico viveu e católico morreu. Mas a expulsão dos jesuitas? argumentarão.

A expulsão dos jesuitas não é uma manifestação anti-religiosa mas uma atitude política. Atitude idêntica, no mesmo período, quasi simultaneamente, assumira a mãe católica Espanha.

E tanto assim foi que o Papa Clemente XIV nunca censurou o Marquês de Pombal, antes sempre lhe manifestou o seu apreço pessoal.

A História está cheia ainda de mistérios, que é necessário iluminar a uma luz desapassionada, serena. Uma das nossas mais discutidas figuras que carece de ser estudada com menos paixão é a do Marquês de Pombal. Os trabalhos do sr. Marquês de Rio Maior são valiosa contribuição para o estudo novo que há a fazer sobre o reconstrutor de Lisboa.



O PAPA CLEMENTE XIV

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A Guerra

e os Caminhos de Ferro

XX

DA IMPRENSA: (Atrazado)

O «Voelkischer Beobachter» publicou um relato interessante, acêrca dos documentos secretos do Estado Maior francês, que foram encontrados por um chefe telegrafista alemão. O referido jornal escreve:

«Na madrugada de 16 de Junho, a vanguarda de um regimento de reconhecimento passou pela ponte do Yonne, em Sens. Vinte e cinco quilómetros mais adiante, na periferia da cidade de Courteway o primeiro carro blindado encontrou um canhão anti-carro francês, cuja resistência foi rapidamente vencida. Em seguida, a coluna alemã redodrou de velocidade, porque devia atingir a cidade de La Charité e tomar a ponte do Loire. A 10 quilómetros do ponto de destino, as forças receberam ordem de se deter. Era preciso esperar as outras partes das forças que iam um pouco mais atrás.

O comandante deu as suas ordens aos destacamentos de auto-metralhadoras. A perseguição continuou. A primeira força de reconhecimento atingiu o nordeste de La Charité; à direita da rua ficava a estação de caminho de ferro, na qual se encontrava um comboio militar francês. Era um agnóstico objectivo para as auto-metralhadoras. Primeiro foram feitos alguns tiros de canhão do carro de assalto sobre a locomotiva, para evitar que o comboio portisse. Depois foi feito fogo contínuo sobre o comboio, ocupado pelos soldados franceses. Alguns destes soldados ripostaram.

Não podíamos demorar muito — disse ao jornal um dos militares que tomou parte na acção — porque o nosso fim era a ponte. Seguimos pela grande praça até que se fez ouvir uma detonação surda. Presumimos que a ponte tinha ido pelos ares. O inimigo abria fogo da margem occidental. As auto-metralhadoras colocaram-se ao longo da margem e cada veículo combateu contra um objectivo conhecido. Os soldados alemães deram provas, neste feito, do maior sangue-frio. Reduzimos ao silêncio, um após outro, os ninhos de metralhadoras. Dentro em pouco, motociclistas atingiam, em jangadas pneumáticas, a outra margem do Loire, formando assim uma testa de ponte.

Pouco a pouco foi escurecendo. Quasi todos os soldados da vanguarda deviam defender a ponte não obstante as fadigas do dia, porque estavam sem ligação com as nossas tropas. O nosso maior cuidado era o caminho de ferro. Em determinado ponto, numa extensão de quinze quilómetros estavam detidos comboios, devido à destruição de numerosos vagões por uma granada de poderoso

calibre. Na manhã do dia seguinte pudemos ver de mais perto os comboios. Dois mil e quinhentos prisioneiros foram conduzidos para La Charité. Eram todos ocupantes dos referidos comboios.

Um chefe telegrafista procurou no comboio bombardeado os aparelhos de T. S. F. franceses. Entre os destroços das carruagens, descobriu um, que estava construído de maneira muito especial, e que por isso chamou a atenção, resolvendo-se examiná-lo. O referido telegrafista verificou com espanto que dentro da caixa se encontravam documentos preciosíssimos. Esses documentos foram escolhidos por aquele nosso camarada, que, com os mais importantes, formou três «dossiers», que levou consigo para a sede do regimento. Ali se verificou tratar-se de documentos secretos do Estado Maior francês, abandonados ali pelos militares em fuga.

— Uma companhia de construção foi encarregada de levar para a Alemanha, por ordem do Führer, o vagão-salão histórico de Compiègne. Os preparativos de transporte foram já acabados. O vagão, colocado numa plataforma, será levado por um tractor até à linha de caminho de ferro, e transportado de ali em caminho de ferro para Berlim.

A propósito disto comunicam que comboios directos circulam já entre Berlim e Chevrier. Em poucos dias a via inteira estará aberta ao tráfico até Paris, com o concurso de batalhões de sapadores.

— Na costa do Mar Tirreno, não longe de Roma, o general Ritter von Pohl entregou ao «Duce» um comboio blindado com potentes baterias anti-aéreas, que o Führer lhe enviou, como presente. Mussolini vestia o uniforme de primeiro marechal do Império e era acompanhado do secretário de Estado do Ministério da Guerra, general Soddu.

Assistiram ao acto o embaixador da Alemanha von Mackensen, Pavolini e o secretário de Estado do Ministério da Aeronáutica, general Pricoli. Depois de passar revista à companhia que prestou a guarda de honra, o general von Pohl fez a entrega do comboio em nome do Führer. Disse que Hitler desejava que aquele comboio acompanhasse sempre Mussolini, nas suas viagens, para lhe defender a vida «tão preciosa para o povo italiano como para o alemão». Declarou: «As forças aéreas alemãs e o seu chefe marechal do Reich têm o orgulho de oferecer uma bateria ferroviária, que, com dezasseis canhões moderníssimos e de grande potência, representa uma arma muito eficaz nas mãos hábeis dos valorosos soldados italianos, podendo alcançar, ao serviço do Duce, brilhantes êxitos». O Duce respondeu que aquele acto é testemunha da indissolúvel fraternidade de armas que liga a Alemanha e a Itália, em tempo de paz e de guerra.

Depois de ter inspecionado as instalações do comboio blindado e de ter passado revista ao pessoal daquele, o Duce e a sua comitiva observaram, da tribuna, alguns exercícios de tiro, com as dezasseis peças anti-aéreas. Na primeira salva foi atingido um alvo que se encontrava a alguns metros da costa. Outros exercícios de barragem, feitos com balas especiais, confirmaram a precisão do tiro da defesa anti-aérea alemã.

No final dos exercícios, o comboio blindado foi entregue às tropas italianas. Na viagem de regresso, os operários agrícolas, aclamaram o Duce.

Ecos & Comentários

Por SABEL

Um carácter

SOBRE a morte do professor e político sr. Ginestal Machado, o *Jornal de Notícias*, do Pôrto, publicou a seguinte interessante local, que transcrevemos com a devida vénia. Assina-o Eduardo Noronha:

«Este professor há dias falecido, que mereceu de toda a imprensa palavras de saudosos pungimento, pertenceu ao corpo docente do liceu de Santarém, desempenhou as funções de deputado e presidiu ao gabinete conhecido pelo seu apelido, élo fugaz na cadeia ininterrupta de ministérios dos primeiros tempos de regime republicano.

Nunca falei com o ilustre extinto, mas ocorreu entre mim e ele um incidente, que caracteriza a sua índole de espirituosa tolerância.

Todos têm o seu fraco, a sua mania. Gostei sempre de trazer na lapela do casaco uma flor. Era a minha condecoração. Algumas possuía, mas só as usei fardado. No Pôrto quando ali vivi, ganhei a aposta de trazer durante meses uma camélia diferente; em Lisboa, caprichei em florir o meu modesto jaquetão ou sobrecasaca com um cravo bonito — o dr. Fiel Viterbo, floricultor primoroso, dignou-se honrar-me, batizando uma espécie nova dessas flores com o meu nome.

Ambos nos barbeávamos no salão «Arte Nova», no largo D. João da Câmara. Um dia, o Oliveira, oficial que de preferência me escanhoava, diz-me:

— O sr. dr. Ginestal Machado, disse-me que lhe preguntasse se era capaz de usar um cravo encarnado e verde?

Percebi a alusão, a «piadinha». Não sendo político absteve-me de aderir. Respondi de pronto.

— Diga ao sr. dr. Ginestal Machado, que se ele é capaz de obter um cravo dessa cor eu o usarei, pela novidade.

Riu-se. O caso ficou por aí. Decorridos alguns dias, escrevi em fundo, no *Diário de Notícias*, um artigo intitulado «Cravos». Referia-me ao caso, por alto, de forma a só ele perceber e reclamava o prometido.

Não veio o cravo rubro verde, mas veio um lindo ramo de cravos dos mais bonitos que se têm produzido no país.

Finou-se na época dos cravos. Não me foi possível mandar-lhe as flores que a lembrança do facto exigia; mas enviei-lhe do fundo da minha alma a saudade, o pesar, que a recordação longínqua me sugeria, preto devido a um devotado e preclaro português, de quem sempre ouvi dizer bem.»

Manuel Alberto Soares

NO dia 9 do corrente o *Diário da Manhã* lembrou que fazia 28 anos, que miseravelmente assassinaram à porta do Hotel Francfort, na rua de S. Justa, o 2.º tenente da Armada Portuguesa, Manuel Alberto Soares. Nesse mesmo dia a sua noiva D. Maria do Carmo Cerqueira de Vasconcelos, filha do falecido coronel Alexandre Eloy Pereira da Rocha Vasconcelos, ao ter conhecimento da barbaridade cometida por um dos muitos grupos de bandidos que impastavam o país, pôs termo à vida com um tiro de pistola.

Lembra muito bem o *Diário da Manhã* que, felizmente, estamos livres dessa cambada de traficantes, graças à intervenção da Ditadura Militar que em 28 de Maio pôs ponto final nesse desvario constante que sobressaltava, tristemente, o povo ordeiro de Portugal.

Colete Encarnado

EM homenagem do Ribatejo à festa brava, organizou a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira a festa do Colete Encarnado, que dedicou à Imprensa do Concelho e da Capital.

Fomos no sábado de tarde. Já se não encontrava um quarto no Hotel. Decididamente Vila Franca, a que tiveram a má ideia de chamar a Sevilha portuguesa (como se houvesse alguma coisa que se compare com esta interessante e curiosa Vila do Ribatejo) não tem condições para acomodar duas centenas de turistas que ali vão atraídos pela grande propaganda que se faz. Necessita a laboriosa Vila de um, dois ou três Hoteis com quartos decentes e algumas comodidades que amenizem o viajante, que ali luta com falta de água e azeite. Bem sabemos que as festas em Vila Franca são de pouca duração, mas também sabemos que sem comodidade não há satisfação para a elas se assistir.

* * *

Fomos a todas as manifestações demonstrativas da vida ribatejana. Não desgostámos, e, dizemos não desgostámos, porque aquele jantar do Colete Encarnado aborrecu-nos de sobremaneira. Já por mais que uma vez tivemos ocasião de dizer que essa «comida» é mal organizada. Principiámos a fingir que jantávamos às 10 e 30 da noite. Um jantar sem alma, sem vida e sem alegria, com a caldeirada sem gosto e fria e, com a vitela assada, que só apareceu perto da meia noite. Trinta escudos custou aquela pepineira, com os dois pratos que acima citámos acrescidos de arroz doce, fruta e bom vinho. Mas que mal servido foi aquilo, perdão o jantar, se querem que assim lhe chamemos. Os creados que devem ser distribuídos, 1 por cada 8 pessoas estavam para 30 ou mais. Então os Senhores organizadores não sabem o que tem sucedido nos demais anos...?

Valha-nos Deus...!

* * *

Vimos campinos montados e fardados a rigor e que iniciaram as festas; fomos ver «apartar o gado», que já estava apartado (isto também se não faz); a entrada de toiros, um dos quadros de maior beleza ribatejana e que o povo tanto aprecia; vimos ainda a Missa Campal, celebrada pelo sr. Bispo de Vatarba, que chegou de Lisboa acompanhado pelo nosso querido Director, sr. Conselheiro Fernando de Souza e finalmente assistimos, ainda no Colete Encarnado, à exibição dos ranchos populares do Ribatejo. Num estrado, vimos os fandanguistas que exibiram quatro modas de fandango. Há no Ribatejo quem chega a dançar vinte modas. Gostámos dos cânticos regionais; cantou bem o Augusto (Nona) e agradeu o grupo de pescadores. Sobre descantes e guitarradas (perfeita lenda) ouvimos a Amália Rodrigues e a Ercília, que o público tanto aprecia, mas que naquele momento não a soube ouvir. Sobre descantes e guitarradas... muito longe...

* * *

Boa toirada, enchente completa e gado bom. João Branco Nuncio esteve admirável; Simão da Veiga deixou colher a montada com grande estrondo e prejuízo para o animal. Rangel e Arruza trabalharam bem e conseguiram manter a assistência em emoção durante algum tempo. Depois, foram colhidos e seguiram-se aquelas partes «gargas» muito conhecidas do público «batido» nas corridas e dos aficionados da velha guarda. Os «ollés» ouviram-se muitas vezes, mas duas pessoas que estão habituadas a ver o Sporting e o Benfica.

Não recebemos convite para as festas, nem interessava, porque também não levamos nada pela crónica.

Desfazendo uma divagação

Os jornais de Madrid, de 18 do mês passado, inseriram a seguinte nota:

«Por ter sido publicado no último número da revista «Fotos» um artigo que poderia ser interpretado como ofensivo para Portugal, foram severamente castigados o autor desse artigo e a revista citada».

Roteiro dum reporter

IV

Saôna, reliquia da Siria

Evocação das cruzadas — Ruínas que falam... — Duas bandeiras, duas raças — Espreitando : : : : : o deserto... — Visão medieval — O vale sagrado de Kadiska : : : : :

Por JORGE RAMOS

E duma melancolia bíblica a vastidão nua que, sob um sol escaldante, abrangemos da estrada que nos conduz a Saôna. O que a expressão *paisagem* define não se pressente: na trágica mudez que embebe a planície calva, onde em vez de árvore que denuncie cântico de vida, só páira a súplica elegíaca dos penedos, que dir-se-iam encasquilhar-se, como animais fabulosos, na agonia perpétua duma sêde infernal, à luz incendiante da tarde, a desolação toma o aspecto impressionante dum taciturno mistério.

Distante, alonga-se o mar de areias, sacudido por vezes pela tempestade dos tufões. Adivinhamo-lo no geito de ondas — no imóvel contorno das ondulações do deserto, que surgem, ao longe, de Tyr a Antioquia.

Avistamos Saôna ao empalidecer do dia. A mancha do crepúsculo roça pelas ruínas ciclópicas das velhas fortalezas que abrem hoje passagem à terra outrora santificada pelos peregrinos: É uma sombra que se entranha numa sombra...

* * *

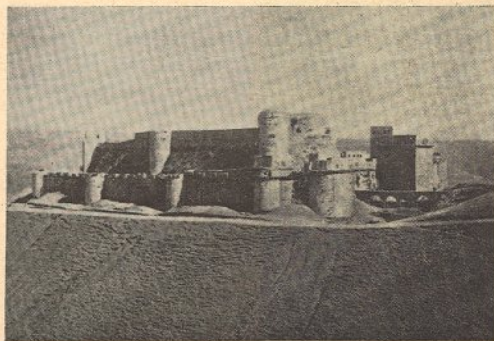
Nas ruas estreitas, por onde há séculos passaram, graves e silenciosos, mercadores hebreus, há em cada portal, em cada pedra, qualquer vestígio de legenda guerreira e histórica que não perdeu ainda o brilho místico e heróico. Julgamos, a cada passo, ver surgir o vulto hierático dum desses monges-cavaleiros do Templo, que oraram nas torres dos fortins. Mas a corte magestosa do passado dilúe-se num claro escuro tornando imperscrutável a visão daquela época em que de S. int Gilles e de Marselha vinham aventureiros trocar os finos tecidos da Bretanha por brocados de Antioquia e tapeçarias de Trípoli.

São testemunhos duma grandeza de oito séculos os castelos dos condes de Saôna, cercados de torres — como o de Shayoun, imponente e macisso, a defrontar audácias de assalto, baluarte inexpugnável que uma muralha decrépita tenta ainda abraçar. Ao esplendor ofuscante do sol abraçador, erguem-se

ossudas e esguias, num dramático arrepêlo, as torres de Chartel-Blanc e de Safita. Perto do «Krak» dos cavaleiros, paramos diante do «djag» de Markab, — monumentos cadáveres em cujas veias de pedra, mumificadas pela lenda, pulsa o prodígio da arquitectura militar do século XII. O nosso olhar perde-se na escuridão de remotas eras, quando admiramos as ruínas de algumas praças fortes, onde os árabes e depois os bizantinos sucederam aos fenícios e aos hititas da antiguidade. Caíram em poder dos mussulmanos, foram quasi destruídas, mutiladas, desfiguradas. Mas guardam intactas o sópro criador que as fez surgir. Sópra nestas ruínas como, em misteriosas harpas um vento carregado de obras heróicas, que vem do oceano da História...

Em plena montanha aluita o castelo-fortaleza de Shayoun é uma aparição na rocha gigantesca, montando a guarda épica no meio da desordem das penedias escalvadas. Esta visão deve ter uma voz subterrânea, e para a ouvir descemos, através de muralhas quasi desfeitas e de parapeitos de pedra, até ao fundo da ravina; corre lá em baixo, uma água que canta...

Esmaga a nossa humana pequenez o gigantismo



O castelo-fortaleza de Shayoun na solidão das escarpas aluitas, imponente e calmo...

tremendo da falésia calcárea raiada de tons de púrpura como fios de sangue: sobe dum lado a escarpa enorme da rocha viva e lisa como a tentar incrustar-se no azul do espaço. Depois, do alto das torres que se desenham em semi-círculo tôdas as pedras do castelo parecem cintilar nesse oiro vermelho e nesse lilaz esquisito que têm tôdas as pedras da Síria.

Da sombra fria do fôssco destaca-se o espantoso pilar monolítico que sustentava a ponte levadiça.

— *Djebel Ansaneh!* indica-me o sírio maronita que me acompanha.

Os restos da cintura de muralhas do castelo bizantino é um cáos inextricável de pedras. Julgo ver os guerreiros do imperador Zimicés, lança em riste, olhar aquilino, ouvido atento ao menor ruído, de ataláia nas torres que contemplam o deserto longínquo.

O pavilhão dos condes de Saôna (côrte guerreira, opulenta de poderio e de fausto) hasteou-se aqui, talvez no mais alto dos torreões onde, depois, em 1118, quando do cerco de Saladino, tremulou a bandeira do emir. O vento quente, que beijou num relâmpago, a toalha de areia, sussurra-me o mistério litúrgico das orações do Islam. Passamos a porta que se abre em forma de gruta. No minarete concentra-se a solidão dum claustro e o silêncio dum sarcófago. Não! nenhum *muezim* voltará a chamar aqui os fieis de Mahomet à oração do entardecer... Na sala árabe — alabastro e mármore — já não paira o perfume de sândalo que a filha do rei deixava atrás de si ao sair do banho... Talvez pela quietação sobrenatural da noite, o fantasma de Roberto «O Leproso» vagueia por estes lugares povoados de lendas, onde tudo respira um tumulto de almas tempestuosas e de paixões violentas, onde tudo é selvático, terrível, solitário, legendário...

Kalaat-el-Hozn, desenha na colina o seu perfil — imagem de força calma e de serenidade. Inscções com que o sultão Bybars quiz assignalar as suas vitórias, sulcam as pedras destas muralhas, — que também viveram depois um ambiente de monástica tranqüilidade. Exala-se uma paz religiosa que nos faz viver por momentos quasi os dois séculos que aqui viveram os Hospitaleiros de S. João... O mesmo recolhimento, a mesma unção, flutuam como aroma espiritual na grande galeria de capiteis góticos. A flor de lys da França recebe o beijo do sol atravez das rosáceas quebradas...

Da capela romana, onde outrora os monges-guerreiros temperavam na fé a porção de heroísmo que os tornava invencíveis nas tremendas pelejas, desce-se ao labirinto das salas subterrâneas (onde os Templários praticavam os segretos rituais da ordem) e das janelas ogivais o nosso olhar perde-se no horizonte prodigioso do desejo de surpreender a passagem de alguma caravana...

* * *

Deambulamos pelas ruelas da cidade mais características da Síria. Os olhos escuros das mulheres

(crépúsculos de África contendo todos os feitiços duma impenetrável magia) brilham como o luar no basalto negro de Haquib. Ao cair da tarde vemo-las entrar nas mesquitas, por cima de cujos muros sorriem para a rua braçadas virginais de perfumosas lorangeiras...

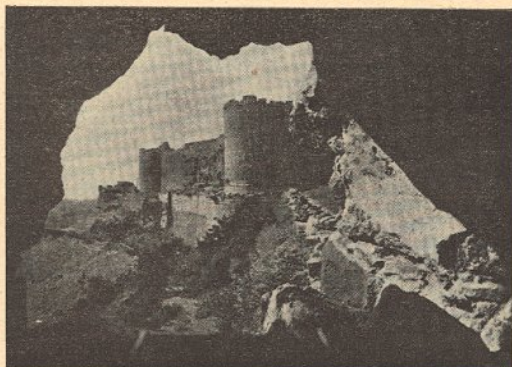
Atrás de nós, esfuma-se pouco a pouco, o bulício do mercado — sussurro de raças: turcos, sírios, árabes, hebreus.

Entramos na Catedral. Deante da austeridade da fachada nosso espírito retrocede no tempo e no espaço até à época das cruzadas: flamejam espadas em alas de gentis-homes e de cavaleiros junto ao pórtico solene. Homens de armas, escravos fenícios... Estamos no século XIII. Celebra-se o casamento do príncipe de Antioquia com a rainha de Chypre. É a França medieval que ressurgue... Tancredo e Bohemun, Eschive, Melisande, Guillemete... Mas a visão desfaz-se, sóme-se rápido o encanto da fantasmagoria. Dentro, uma augusta quietude, silêncio mortal. Nas três naves suntuosas nos pilares rendilhados, adejam como asas de fogo, aurifilamas votivas. O sol mussulmano, (brasa e sêde) faz-se cristão atravez dos vitrais, entrando docemente, — carícia flava, espuma de luz...

São de vagar, sem um ruído, como para não despertar nenhuma das emoções que ficaram a sonhar no meu espírito... Cá fora, Moneb, o sírio que me acompanha, segue com a vista o jumento branco duma vendedora de limões doces...

Caminhamos, silenciosos. No extremo da cidade, para lá do bairro hebráico, distingue-se num dos flancos do Sibano o vale sagrado de Kadiska onde os últimos cedros bíblicos perpetuam a floresta de Salomão.

O cemitério árabe dorme na sonolência da tarde o profundo silêncio dos abismos da morte, e nos sonhos, inundados de sol, passam lentos, estranhamente lentos, os dromedários...



O «Karak» dos cavaleiros, em Saôna, sentinela do deserto com oito séculos...

Capitão Américo dos Santos

IMPRESSONANTE HOMENAGEM AO ILUSTRE
ADMINISTRADOR DO CONCELHO DE SINTRA



CAPITÃO AMÉRICO DOS SANTOS
Administrador do Concelho de Sintra

CONSTITUIU uma significativa homenagem, o banquete realizado no dia 28 do mês passado, ao Capitão Américo dos Santos, ilustre oficial da arma de aeronáutica e Delegado do Governo no Concelho de Sintra.

Três centenas de convivas assistiram ao banquete, o qual teve lugar no Casino de Sintra, cedido especialmente para este fim.

Da comissão promotora da homenagem faziam parte, entre outros, os srs. Padre Amaro Teixeira de Azevedo, Eduardo Frutuoso Gaio, Domingos Veloso Lima, Arnaldo Marras, dr. Branco Guerreiro, Joaquim Mario Garcia Cunha, Claudio Guimarães, Alberto Tota, Francisco Fons, Francisco Costa.

Na mesa de honra, presidiu o sr. capitão João Soares, presidente do Município e grande amigo do homenageado. Foi o capitão João Soares, portador das saudações do sr. Ministro do Interior para o capitão Américo dos Santos e representou no acto o sr. coronel Lobo da Costa, ilustre Governador Civil do Distrito e também grande amigo do festejado.

À direita do sr. cap. João de Sousa Soares, sentaram-se, o homenageado, dr. Jacinto Carreiro, presidente da Comissão Concelhia da União Nacional; dr. Alvaro de Vasconcelos, antigo delegado do Ministério Público na comarca e grande e querido amigo do concelho; à esquerda, os srs. Padre Amaro Teixeira de Azevedo, tenente-coronel Vilardebó e mais individualidades.

Falaram aos brindes, o sr. Padre Teixeira de Azevedo, o qual como presidente da comissão promotora da festa, disse dos seus quarenta anos de sacerdotio, garantia para que a sua atitude não fosse tomada como especulação política, mas apenas levado a homenagear um homem de bem e contribuir para o engrandecimento da Vila de Sintra. Prestou homenagem às altas qualidades do sr. capitão Américo dos Santos, citando, a finalizar, a máxima de St.º Agostinho, a qual nos diz, que devemos ser transigentes para os homens, mas intransigentes para com o mal.

O sr. dr. Jacinto Carreiro, que falou seguidamente, manifestou o apoio aberto e significativo que a União Nacional do Concelho resolveu dar àquela homenagem. Enalteceu também as superiores qualidades do ilustre administrador do Concelho de Sintra.

O sr. dr. Alvaro de Vasconcelos, figura prestigiosa e grande nacionalista, proferiu um vibrante discurso, que foi interrompido com frequência, por aplausos e apoios.

Falou, depois, o nosso Director sr. Carlos d'Ornellas, na qualidade de presidente da Junta de Freguesia de Almagem do Bispo e amigo do homenageado, dizendo:

«Estou aqui como seu amigo pessoal e como Presidente da Junta de Freguesia de Almagem do Bispo, lugar que os meus inimigos me arranjaram, convencidos de que me atiravam de pernas ao ar como se eu fosse capaz de, na minha situação oficial, deixar de fazer o que eles fizeram na mesma Junta, durante uma boa dezena de anos, quando as propriedades que eram e são pertença da mesma Junta, aos seus filhos e a si próprios pela importância que lhes convinha. Enganaram-se. Modificaram-se as coisas e parece-me que regularmente me tenho feito desempenhar da minha espinhosa missão, e digo isso, porque já me quiseram «correr» por três ou quatro vezes, o que não conseguiram. Já se sabe que, em geral, quando pretendem aliar uma pessoa ao seu cargo é porque ela vale alguma coisa — modesta à parte — ou pelo menos, não serve para o que eles querem.

«Mas eu fui para Almagem do Bispo para servir o Estado Novo. Quasi todos V. Ex.ª sabem que sou um incorrigível monárquico, que tem o devido respeito por todos os seus adversários políticos.

«Pois parece-me que ainda não reimpantei a Monarquia na Freguesia, nem prejudiquei os interesses do Estado. Pelo contrário. No meu lugar só me tenho limitado a servir com honra a Nação».

Referindo-se ao homenageado disse:

«Conheci-o, quando alguns maus políticos e fingidos amigos da Vila de Sintra quiseram fazer vencer certa intriga Bélmiro-Américo; conheci-o ainda mais, quando eu, Presidente da Junta de Freguesia de Almagem do Bispo, despedi um coveiro bebado e ladrão e em resposta logo apareceu uma exposição assinada por uma suposta delegação política da mesma Freguesia, delegação esta que até então nunca havia

sido constituída por falta de competência e acção, acusando-me de que eu perseguia «um humilde trabalhador». Conheci ainda o Capitão Américo dos Santos, quando pretendiam afastá-lo do seu amigo e sr. Capitão João Soares.

«Aqui tem pois o meu amigo Américo dos Santos o motivo porque aqui estou. Tenho por si admiração como já disse, porque também como defensor do Estado Novo, é um honrado cidadão e como amigo particular, uma pessoa honesta e politicamente honesta.

«Pois, por todas essas suas qualidades, o ilustre Administrador do Concelho é uma pessoa que nos merece o máxima respeito e a dedicação, de todos os que honestamente trabalham pelo Estado Novo.

«É preciso, meu caro Américo dos Santos e meus Senhores, dizer a toda essa gente da Vila, que se quer subir, se quer empregos e lugares chorudos, que os peçam a quem devem pedi-los, e que se não esforcem a fomentar intrigas, porque a intriga não vence. Não voltem ao desatino daquela política mesquinha que em Portugal se usou de 1911 a 1925».

«Quem fala a V. Ex.ª é um político que nunca ocupou um lugar do Estado com remuneração. — E agora dirão os que me não conhecem... Porque nunca lho deram... Não senhor, não é Verdade.

«Um homem com vida política fora e dentro do jornalismo, que durante 8 anos correu as prisões de S. Julião da Barra, Trafaria, Mafra, Aljube do Porto e Penitenciária estando preso 5 anos, e que acompanhou Gomes da Costa, desde o grito de revolta em Braga até Lisboa e ainda que sempre tem defendido honestamente a situação, se não tem um lugar dos que muitos ambicionam, é porque não quiz e não quere. Prefere andar socegado no seu país, limitando-se a cumprir as ordens do Chefe.

«Troquem os maus políticos e esses intriguistas, que lá fôra querem derrubar os que trabalham honestamente, e assim o Estado Novo, todos os seus rancores políticos e mesquinhas pelas palavras de Salazar!

«Trabalhar, sim, pela Nação e não contra a Nação».

Em homenagem ao Capitão Américo dos Santos, o poeta Silva Tavares, leu o seu poema «Ronda de Geóvah», sendo dolrantemente aplaudido.

O sr. Alberto Tota, afirmou num breve discurso, que ao lado do homenageado e do sr. capitão João Soares, «todos vão para onde melhor houver que ir a bem do Concelho».

O sr. Capitão João de Sousa Soares, que principiou por abraçar o seu camarada homenageado, tocou o vulto do capitão Américo dos Santos, «paladino do 25 de Maio, oficial valente e lealíssimo, que ajudou a expulsar os inimigos internos da Pátria».

Afirmou seguidamente, que nenhuma intriga conseguiria quebrar a amizade sólida que o liga ao cap. Américo dos Santos, acabando por erguer a sua taça saudando no homenageado, a alma heróica do Exército Português, que no 28 de Maio soube reatar as virtudes ancestrais da Raça. Bebeu depois, por Carmona e Salazar, que nesta hora tão difícil, inteligentemente estão conduzindo os destinos de Portugal Eterno.

Finalizando, falou o homenageado que em breves e comovidas palavras agradeceu a festa que lhe dedicaram.

* * *

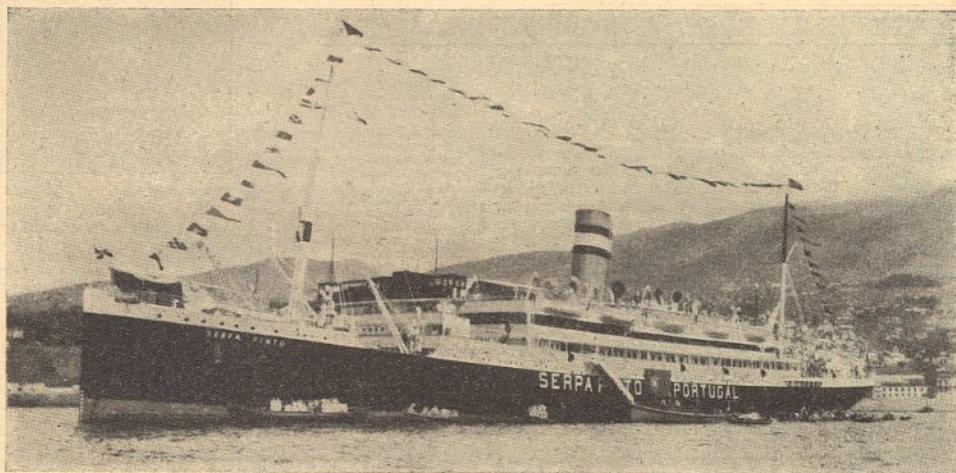
Foi oferecida ao sr. Capitão Américo dos Santos, uma miniatura em cerâmica, da imagem do Santo Condestável, patrono da Corporação dos Bombeiros daquela Vila.

Também o sócio mais velho e fundador da Adega Regional de Colares, sr. Francisco Paulo ofereceu uma taça de prata com inscrições.

Entre os telegramas dirigidos ao homenageado, figuram os dos srs: Governador Civil de Lisboa, comandante dos Sapadores Bombeiros, pároco de Colares, capitão Barros Queiroz, Preventório de Colares, Visconde da Idanha, dr. Fernando Pizarro, Carlos Andersen e esposa, dr. Nunes Claro, dr. Almeida Rio, actor Estevão Amarante, D. Beatriz Arnut e das terras do Concelho, como, Colares, Sintra, Praia das Maçãs, Almoçageme, Pero Pinheiro, Janas, Mucifal, Algueirão, S. João das Lamas, S. Pedro de Sintra, etc.

O novo paquete «Serpa Pinto»

da Companhia Colonial de Navegação
vai inaugurar as suas viagens ao Brasil



O NOVO PAQUETE «SERPA PINTO»

No dia 12 do corrente, o novo paquete «Serpa Pinto», da Companhia Colonial de Navegação, parte para a sua primeira viagem ao Brasil, carreira em que ficará, por determinação da Junta Nacional da Marinha Mercante, a fazer serviço regular de passageiros e carga.

Trata-se, como se sabe, do mais luxuoso e do mais rápido dos nossos paquetes. As condições, em que fez agora a sua primeira viagem às nossas colónias de África—veiu em 24 dias de Lourenço Marques a Lisboa, com todas as escalas normais e duas escalas extraordinárias—mostram bem as grandes possibilidades desta excelente unidade.

As suas acomodações, desde os camarotes de grande luxo, até às higiénicas instalações para centenas de emigrantes, recomendam-se sobremaneira e honram, em qualquer parte, a Marinha Mercante Nacional.

As principais características do «Serpa Pinto» são as seguintes:

Comprimento	142 metros
Bôca	17,64 metros
Pontal	10,52 metros
Guindastes hidráulicos	12
Tonelagem bruta	8,266,62
Tonelagem líquida	5.100,31
Tonelagem D. W.	5.312
Frigoríficos	27.210 p3
Máquinas 2	Quádrupla expansão
Fôrça	6.000 HP.
Velocidade	15 milhas
Combustível	Óleos

Acomodações para passageiros em 116 camarotes:

- 1.ª classe—54 camarotes 73 passageiros.
- 2.ª classe—37 camarotes 106 passageiros.
- 3.ª classe—25 camarotes 109 passageiros.
- 3.ª suplementar (Lotação consoante as necessidades).

PART E OFICIAL

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

Direcção Geral de Caminhos de Ferro

O «Diário do Governo», n.º 145, II série, de 25 de Junho, publica o seguinte:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, ouvida a Direcção Geral de Caminhos de Ferro, que seja aprovada provisoriamente a conta da garantia de anuidade (juros e amortizações) da linha férrea da Senhora da Hora à Trofa, apresentada pela Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal, relativa ao 1.º semestre do corrente ano (período decorrido de 1 de Janeiro a 30 de Junho), e que à mencionada Companhia seja paga a quantia de 750.459\$50.

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, ouvida a Direcção Geral de Caminhos de Ferro, que seja aprovada provisoriamente a conta da garantia de anuidade (juros e amortizações) da linha férrea da Boa Vista à Trindade, apresentada pela Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal, relativa ao 1.º semestre do corrente ano (período decorrido de 1 de Janeiro a 30 de Junho), e que à mencionada Companhia seja paga a quantia de 488.237\$75.

O «Diário do Governo», n.º 138, II série, de 17 de Junho, publica o seguinte:

Repartição dos Serviços Gerais

Secção do Expediente, Pessoal e Arquivo Geral

Por despacho de 11 do corrente:

Rodrigo Severiano do Vale Monteiro, engenheiro chefe da 4.ª Repartição — concedidos trinta dias de licença graciosa, nos termos do artigo 12.º do decreto n.º 19.478.

Joaquim Figueiredo, mestre de obras, adido, nos termos do decreto n.º 26.504 — concedidos trinta dias de licença graciosa, nos termos do artigo 12.º do decreto n.º 19.478.

TELEFONE 2 7905

PAPELARIA E TIPOGRAFIA VIANA

SUCESSORES

NAZARETH FERREIRA & FERREIRA, L.ª

FUNDADA EM 1880

Casa especializada em: LIVROS DE ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Fornecimento completo para: BANCOS, COMPANHIAS E ESCRITÓRIOS

59-Rua da Conceição-61 LISBOA 64-Rua da Prata-66

O «Diário do Governo», n.º 141, II série, de 20 de Junho, publica o seguinte:

Por despacho de 14 do corrente:

José Pereira Serra, condutor de obras públicas, contratado — concedidos trinta dias de licença graciosa, nos termos do artigo 12.º do decreto n.º 19.478.

O «Diário do Governo», n.º 145, II série, de 22 de Junho, publica o seguinte:

Por despacho de 19 do corrente:

Dr. João de Matos Rodrigues, vogal secretário da comissão administrativa do Fundo especial de caminhos de ferro — concedidos trinta dias de licença graciosa, nos termos do artigo 12.º do decreto n.º 19.478.

O «Diário do Governo», n.º 145, II série, de 25 de Junho, publica o seguinte:

Por despacho de 19 do corrente:

Albano Castel Branco Pires Marques, engenheiro civil de 3.ª classe do quadro permanente — concedidos trinta dias de licença graciosa, nos termos do artigo 12.º do decreto n.º 19.478.

Por despacho de 20 do corrente:

António Simões Duarte, fiscal contratado — concedidos trinta dias de licença graciosa, nos termos do artigo 12.º do decreto n.º 19.478.

Maria Anjos Rebêlo, escriturário de 2.ª classe — idem, idem.

O ideal da Pele GLYCOL

O GLYCOL amacia a pele.
O GLYCOL dá aos lábios a maior frescura.
O GLYCOL é o ideal fixador do pó de arroz.
O GLYCOL evita o cieiço.
O GLYCOL dá a todas as peles o raro encanto da mocidade.

G
L
Y
C
O
L

O GLYCOL cura o «cres-tado» do Sol e o «queimado» da Praia.
O GLYCOL cura todas as impurezas e estragos da pele, tais como: erupções, borbulhas, espinhas, impigens, ruínas, manchas, escoriações leves, mordeduras de insectos, etc., etc.

À venda nas melhores casas da especialidade e principais farmácias

FRASCO 12\$00

DEPOSITÁRIOS:

Ventura d'Almeida & Pena

Rua do Guarda Mór, 20, 3.º E. LISBOA

Remetemos uma amostra a quem nos enviar 2\$00 em selos do correio, nome e morada

O «Diário do Governo», n.º 140, II série, de 19 de Junho, publica o seguinte:

Repartição de Material Circulante

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, ouvida a Direcção Geral de Caminhos de Ferro, que sejam aprovados os seguintes tipos de carruagens inteiramente metálicas, sobre *bogies*, adquiridas pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses na América do Norte, conforme projectos que ficam arquivados na referida Direcção Geral, as quais se destinam a combóios rápidos e tranvias:

- 1.º tipo — carruagens mixtas de 1.ª e 2.ª classe;
- 2.º tipo — carruagens de 2.ª classe e restaurante;
- 3.º tipo — carruagens de 3.ª classe;
- 4.º tipo — carruagens de 3.ª classe e furgão grande;
- 5.º tipo — carruagens de 3.ª classe e furgão pequeno.

Repartição de Estudos, Via e Obras

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, concordando com o parecer da comissão a que se refere o decreto n.º 19:881, de 22 de Maio de 1931, aprovar, para efeitos do disposto no artigo 7.º do mencionado decreto, o processo de expropriação de duas parcelas de terreno, com as áreas de 18^{m²}, 87 e 403^{m²}, 50, para alargamento da passagem de nível ao quilómetro 108,738.38 da linha férrea do Minho.

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, concordando com o pa-

recer da comissão a que se refere o decreto n.º 19:881, de 22 de Maio de 1931, aprovar, para efeitos do disposto no artigo 7.º do mencionado decreto, o processo de expropriação de uma parcela de terreno, com a área de 25^{m²}, 50, situada entre os quilómetros 103,764.60 e 103,774.60 da linha férrea do Minho, para construção de um abrigo no apeadeiro da Senhora da Agonia.

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, concordando com o parecer da comissão a que se refere o decreto n.º 19:881, de 22 de Maio de 1931, aprovar, para efeitos do artigo 7.º do mesmo decreto, o projecto da modificação a fazer na estação de Funcheira, da linha do Sul, para estabelecimento de uma linha de manobras.

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, concordando com o parecer da comissão a que se refere o decreto n.º 19:881, de 22 de Maio de 1931, aprovar, para efeitos do disposto no artigo 7.º do mencionado decreto, o projecto de caminho de acesso à passagem de nível ao quilómetro 23,255.20 da linha férrea do Douro.

Fábrica de Papel da Abelheira
TOJAL—LOURES
PAPEIS DE TODOS OS TIPOS

DEPÓSITOS: RUA DA ALFANDEGA, 156/158—LISBOA
RUA DOS CLÉRIGOS, 6—PORTO

DROGARIA MARITIMA DE ACÁCIO JORGE

BROCHAS—PINCEIS—ESCOVAS—VASSOURAS—DROGAS—PRODUTOS QUÍMICOS
E FARMACEUTICOS—ALVAIADES, TINTAS E VERNIZES das marcas GAIVOTA
e COURAÇADO—Depositário das Tintas de Esmalte, marcas VOGA e BENGALINE

84-Rua da Esperança-86

Telefone: 6 1333

FORNECEDOR DA C. P.

AZULEJOS E FAIANÇAS ARTÍSTICAS GÉNERO ANTIGO,
NÃO COMPRE SEM VISITAR O DEPÓSITO DA

Fábrica Sant'Ana — Executa qualquer estilo

Rua do Alecrim, 91-97—Telefone 2 2537-8 1592—Lisboa

Quereis dinheiro?

JOGAI NO

Lama

Rua do Amparo, 51
LISBOA

Sempre Sortes Grandes!

Exposição do Mundo Português

A inauguração do Pavilhão dos Portos e Caminhos de Ferro

«Na história das Obras Públicas em Portugal, há três períodos notáveis: — POMBAL, FONTES e SALAZAR.

No período Pombal, os técnicos eram estrangeiros.

No período Fontes, o crédito foi estrangeiro.

No período Salazar, a técnica e o crédito são nacionais».

O sr. Ministro das Obras Públicas apreciou e louvou o trabalho da construção do interessante pavilhão — obra executada e construída por ferroviários

No passado dia 23 inaugurou-se o Pavilhão dos Portos e Caminhos de Ferro. Às 18 horas — hora marcada para a inauguração — chegou o sr. Presidente do Conselho de Administração da C. P., sr. Eng. Vasconcelos Correia, que era aguardado pelos srs. General Raul Esteves, Capitão Mário Costa, do Conselho de Administração da C. P., Eng. Branco Cabral, incansável organizador e Director do novo pavilhão, Conselheiro Fernando de Souza e Carlos d'Ornelas, directores da «Gazeta dos Caminhos de Ferro» e Dr. Augusto de Castro e mais funcionários superiores dos Caminhos de Ferro. Seguidamente chegou o sr. Ministro das Obras Públicas que foi recebido pelas entidades já indicadas e mais os srs. eng. Lima Henriques, Director Geral da mesma Companhia; coroneis Vicente Ferreira, Alexandre Lopes Galvão, Mário de Campos; eng. Ramos Coelho, presidente da Ordem dos Engenheiros, eng. Carlos Alves, Director do Porto de Lisboa; eng. Cancellaria de Abreu, Guilherme Cardim, eng.^{os} Pedro de Brion, Campos Henriques, Pereira Barata, Manuel Campêlo, Bravo, Barbosa Pita, Dr. Carlos Lopes, Manuel Monteiro, antigo director da Alfândega de Lisboa, Dr. António Centeno, eng. Carlos Santos, Dr. Tavares d'Almeida, Afonso Dornelas, eng. Vaz de Almeida, Mateus Gregório da Cruz, Xavier Esteves, Viriato Canas, eng. Sá e Melo, Architecto Cotinello Telmo, etc.

Após os cumprimentos, já no Pavilhão, o sr. Eng. Vasconcelos Correia disse:

«Em nome dos Caminhos de Ferro Portugueses cabe-me a honra de dirigir a V. Ex.^{as} Senhor Ministro das Obras Públicas e Comunicações e Senhor Sub-Secretário das Obras Públicas, os nossos agradecimentos pela sua presença ao acto da inauguração do Pavilhão dos Caminhos de Ferro e Portos.

Desde a primeira hora, após a publicação da «Nota Oficial» de S. Ex.^a o Senhor Presidente do Conselho, de 26 de Março de 1958, nos preocupámos com o que seria oportuno fazer para correspondermos às intenções altamente patrióticas de S. Ex.^a, quando afirmava: «As Comemorações Centenárias são acima de tudo grande festa nacional, festa para todos os portugueses do Mundo e em que todos podem e devem colaborar de maneira efectiva».

Dada a função primordial que cabe aos Caminhos de Ferro quando há movimentos excepcionais de passageiros, e desejando as empresas ferroviárias do País cumprir essa função por forma a não merecerem censuras, procedeu-se imediatamente ao estudo das medidas que conviria pôr em prática para se garantir ao público um serviço satisfatório.

A maior preocupação que se apresentou desde logo, foi a de obter material circulante que, oferecendo comodidade, fôsse também suficiente, em quantidade, para fazer face ao intenso movimento de passageiros que era lícito esperar como consequência das importantes festas previstas.

Todos sabem que a demorada crise que os caminhos de ferro têm atravessado não permitiria a aquisição de novas unidades para transporte de passageiros, nem tão pouco a conveniente conservação e modernização das antigas.

Em face desta situação tiveram os caminhos de ferro de expôr ao Governo as dificuldades que previam para assegurar

o tráfego durante as Comemorações Centenárias, e de lhe propor as medidas que julgavam indispensáveis para se remediar a insuficiência de material circulante tanto em quantidade como em qualidade.

Felizmente, o caminho de ferro encontrou o necessário apoio, para a resolução do problema, na pessoa do actual Ministro das Obras Públicas, animador apaixonado e incansável de todas as realizações progressivas. S. Ex.^a, com a sua habitual decisão e conhecida largueza de vistas, conseguiu pôr em prática medidas, ao abrigo das quais a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, em perfeita colaboração com o Governo, pôde preparar contratos para as encomendas de material circulante, que, se não tivesse surgido a guerra, estaria a estas horas prestes a entrar em serviço.

As encomendas preparadas diziam respeito a:

28 carruagens — que seriam fornecidas por uma casa americana.

20 automotoras — que seriam construídas por uma casa alemã e 12 tractores Diesel — a fornecer por uma casa inglesa.

Quando tudo estava combinado até aos mais insignificantes pormenores, e os contratos respectivos prontos para ser assinados, rebentou a guerra.

Só o contrato relativo às 28 carruagens americanas teve seguimento. Temos esperanças de que este material agradará por completo ao público. Dentro de poucos dias algumas destas carruagens entrarão em serviço na linha de Lisboa ao Pôrto.

Nenhum dos outros contratos pôde ter efectivação até agora.

Pena foi que as automotoras escolhidas não tivessem chegado a ser uma realidade para entrarem agora em serviço. Neste pavilhão encontra-se no entanto o respectivo «Modelo», que nos foi enviado pela casa com que estávamos contratando a sua construção.

Estamos convencidos de que o tipo de automotoras escolhido prestará bons serviços e que o público as acolherá com simpatia.

A situação criada pela guerra era, porém, de tal ordem que tivemos receio de que o próprio contrato com a casa americana não pudesse ser fielmente cumprido. Se tal acontecesse ver-nos-íamos sem as novas carruagens na altura em que elas mais necessárias eram.

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses resolveu, por isso, tomar precauções que lhe permitissem ter, sem a menor dúvida, melhor material circulante por ocasião das festas, ainda mesmo que não chegasse a tempo o que acabava de encomendar na América.

Para isso mandou proceder ao estudo da renovação de material já existente.

Esse estudo foi rapidamente feito pelos nossos engenheiros, com a preocupação de só utilizarem materiais portugueses com raras e insignificantes excepções para não nos arriscarmos a ter de suspender, em qualquer altura, o acabamento das transformações de carruagens a que nos íamos abalancar.

Todas essas transformações foram realizadas nas nossas oficinas, com material português, e por operários portugueses, dirigidos por engenheiros portugueses.

Até agora foram transformadas 38 carruagens, conservando algumas a classe que tinham; mas com modificações que lhe aumentaram o conforto e melhoraram sensivelmente o aspecto. É o caso da carruagem que V. Ex.^{as} poderão observar neste pavilhão.

Outros veículos sofreram maiores transformações, deixando de ser más carruagens de 2.^a classe para se tornarem boas carruagens de 5.^a Algumas antigas carruagens de 1.^a classe também foram modificadas para mistas por forma a adaptarem-se melhor às necessidades do tráfego de certas linhas pouco frequentadas.

Estas modificações, não sujeitas a possíveis contingências

derivadas do estado de guerra, foram todas concluídas a tempo e se não suprim a falta, em número, das carruagens de que necessitávamos, atenuavam o mau aspecto das que anteriormente circulavam.

Carruagens como as que V. Ex.^{as} aqui podem observar circulam há mais dum mês nos combóios rápidos entre Lisboa e Pôrto, parecendo, segundo informações que até nós chegam, que o público tem manifestado o seu agrado por estas modificações.

Como V. Ex.^{as} vêem os Caminhos de Ferro Portugueses procuraram integrar-se na patriótica orientação marcada pelo Governo, e se os resultados não são tão completos como os que em Setembro de 1939 foram delineados deve-se isso somente ao facto de ter surgido a guerra, que tão gravemente perturbou o mundo.

Ainda recentemente, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses deu nova prova, e bem patente, do seu empenho em concorrer para o brilhantismo das Comemorações Centenárias.

Queremos referir-nos à sua participação no Cortejo do Trabalho realizado no Pôrto. Por várias formas nos apercebemos de quanto ela foi apreciada.

Quanto mais não fôsse, senão por coerência de procedimento, seria imperdoável a nossa ausência nesta Exposição. Em colaboração com as entidades que presidem aos trabalhos dos Portos de Mar do País, pareceu-nos que seria preferível uma representação, embora modesta, destas actividades, do que a sua ausência.

Disponhamos, apesar de tudo, de elementos que, coordenados, poderiam levar-nos a uma representação que, sem ser luxuosa, fôsse no entanto interessante.

Parece-nos que foi conseguido este desideratum devido aos esforços das pessoas a quem confiamos, com felicidade, o encargo de o levar a seu termo.

Para o projecto do Pavilhão recorremos ao arquitecto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, sr. Cotinelli Telmo, desde há meses ao serviço da Exposição do Mundo Português por concessão especial feita pela Companhia, em hora feliz.

O êxito d'este excepcional artista tem sido bem posto em relêvo não só pela obra que produziu e que por si mesma se impõe, como pelos notáveis discursos que com toda a justiça o enalteciam.

Cremos bem que a autorização dada àquele arquitecto para trabalhar na Exposição não foi dos menores serviços que a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses prestou aos ilustres organizadores desta magnífica obra.

O Projecto do Pavilhão a cuja inauguração assistimos é mais uma criação feliz daquele distintíssimo artista.

Para organização do seu arranjo anterior contávamos com o reconhecido bom gosto do Secretário Geral da C. P. sr. engenheiro António Branco Cabral, e tínhamos a certeza da colaboração de funcionários da mesma Companhia já experimentados em circunstâncias parecidas.

Ao sr. engenheiro Branco Cabral dirigimos as nossas felicitações por mais esta prova da sua fértil imaginação e do seu apurado sentido artístico. Aos colaboradores, também da C. P., que teve a fortuna de saber escolher, manifestamos igualmente o nosso mais sincero aplauso.

Neste Pavilhão, não só verão v. ex.^{as} referências aos portos de mar portugueses, que tão íntima ligação têm com os caminhos de ferro, mas encontrarão elementos úteis sob o aspecto turístico.

Apresenta-se além disso uma locomotiva em escala reduzida, obra primorosa, realizada pelos «aprendizes» das nossas oficinas do Barreiro. O seu acabamento é perfeito, mostra bem o cuidado com que é dirigida a educação profissional dos nossos operários.

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, tomou a resolução, que me encarrega de comunicar a v. ex.^{as}, de

oferecer esta locomotiva ao Instituto Superior Técnico, logo que termine a Exposição.

Julga a Companhia que esta resolução deverá ser agradável não só ao eminente homem de ciência que dirige actualmente com a maior distinção, aquela escola de engenharia, o sr. engenheiro Herculano de Carvalho, mas ainda a V. Ex.^a Senhor Ministro das Obras Públicas e Comunicações — cujo nome está tão intimamente ligado aos progressos daquele estabelecimento de ensino.

Como curiosidade interessante e atraente encontrarão V. Ex.^{as} um diorama que poderá ser observado tomando-se lugar na carruagem que se encontra dentro deste Pavilhão.

Durante alguns minutos desfilarão perante os passageiros desse veículo os mais belos e pitorescos aspectos do território português, o que constitue uma bela forma de propaganda turística.

Antes de terminar tenho ainda um dever a cumprir e que proposadamente reservei para o fim destas minhas considerações.

Um caso muito raro, quasi um milagre, se dá com esta Exposição: «Ainda não ouvi dizer mal dela».

O conhecido espirito crítico dos portugueses tem poucado esta magnifica e artistica lição de História do Mundo Português.

Dada a raridade do acontecimento, nele nos fundaremos para dirigir aos organizadores e orientadores da Exposição as nossas mais calorosas felicitações pelo êxito da obra realizada.

É o que faço dirigindo-me ao ilustre homem de letras, Comissário Geral da Exposição — Dr. Augusto de Castro — ao distinto e incansável engenheiro Sá e Melo, Comissário adjunto, e ao notável architecto em chefe, Cotinelli Telmo, aos quais todos os portugueses ficam devendo os mais assinalados serviços».

Uma forte ovação coroou as últimas palavras do ilustre orador e distinto engenheiro.

Seguidamente, fez uso da palavra o sr. eng.^o Ramos Coelho, presidente da Ordem dos Engenheiros, o qual mostrou a satisfação por vêr reunidas, sob o mesmo tecto, as actividades ferroviárias e portuais.

Prestando homenagem aos srs. Chefe do Estado e Presidente do Conselho, o sr. eng.^o Ramos Coelho disse:

— Neste pavilhão, pouco recheio se poderia ter posto se, graças à acção do sr. dr. Oliveira Salazar, não se tivesse enveredado por um novo caminho!

Elogiou os melhoramentos realizados em obras de comunicações, como estradas, serventias da capital, correios, telefones, etc..

Terminou felicitando o sr. Ministro das Obras Públicas, dr. Augusto de Castro e engenheiro Sá e Melo; engenheiro Branco Cabral e architecto Cotinelli Telmo, e, por último a Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos, a Administração Geral do Porto de Lisboa e a Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro, a cuja iniciativa se deve, em grande parte, o êxito da obra a inaugurar.

Os aplausos foram prolongados.

Falou a seguir o sr. dr. Augusto de Castro, que agradeceu a presença do sr. Ministro das Obras Públicas, lendo o seguinte discurso:

«Sr. Ministro das Obras Públicas; Sr. Subsecretário de Estado; Minhas senhoras; Meus senhores: Cumpre-me, como comissário geral da Exposição do Mundo Português, dirigir,

antes de mais nada, os meus cumprimentos ao sr. engenheiro Branco Cabral pelo êxito absoluto da realização que com tão criadora inteligência e felicidade êle dirigiu, quer no ponto de vista artistico, quer no ponto de vista técnico, dêste pavilhão.

A todos os seus colaboradores, desde o escultor sr. António Santos, até ao autor dos interessantissimos baixos-relevos, sr. Euclides Vaz, e desenhador Nunes de Almeida, estendo as minhas felicitações, sem esquecer — antes dando-lhes um especial relevo — as referências devidas aos técnicos e aos operários da C. P., que revelam nos trabalhos que executaram uma competência que sobremaneira honra o trabalho nacional.

Aos srs. engenheiros Sá Nogueira e Viriato Canas peço igualmente que aceitem os agradecimentos da Exposição do Mundo Português pela valiosa parte com que contribuíram, no que respeita à representação dos nossos portos, para este notável mostruário dum dos aspectos mais significativos da economia portuguesa e dos seus notáveis progressos, a cuja parte architectónica Cotinelli Telmo prestou as suas fulgurantes faculdades e o prestígio do seu nome.

No balanço geral das actividades nacionais, de que esta Exposição procura, quer no aspecto histórico, quer no aspecto das suas realidades actuais, ser uma espécie de índice e uma síntese pela imagem, o pavilhão hoje inaugurado representa um dos mais progressivos elementos. As vias de comunicação e de acesso dum país constituem o ritmo da sua circulação económica.

A riqueza duma nação depende, na sua parte mais considerável, da facilidade, rapidez e segurança dos seus meios de transporte. Mais do que isso, os portos, os caminhos de ferro, as estradas são hoje, mais do que instrumentos económicos, verdadeiras bandeiras do prestígio e da civilização dum povo. São, comercialmente, os seus pulmões — e, turisticamente, a primeira manifestação dinâmica da sua civilização e da sua sociabilidade.

A C. P. e a Administração dos Portos portugueses merecem a gratidão nacional pelo esforço que têm pôsto em servir e em honrar os interesses e as actividades do País — e o quadro expressivo que dêse esforço nos oferecem neste pavilhão revela os enormes melhoramentos introduzidos nos seus serviços, nos últimos anos, na vasta compreensão e efectivação da política do fomento, que é superior honra e glória do Governo Nacional, representado aqui pelo sr. Ministro das Obras Públicas, o brilhante e admirável reconstrutor dessa política.

Nesse capítulo, como em tantos outros, estamos em plena marcha e em pleno rejuvenescimento. Este pavilhão no-lo diz também. E é êsse um dos seus melhores méritos. Esta Exposição, pondo diante dos nossos próprios olhos o que somos e fizemos e projectamos, revela-nos também as nossas possibilidades. E' uma lição e um estímulo.

E, como exemplo incentivo, êste pavilhão é, na sua concepção, como nas suas revelações, uma nota de optimismo. E' uma pequena viagem através dos horizontes de viagem de Portugal: os nossos cais marítimos, as nossas linhas ferroviárias e até as nossas estações, características e floridas da provincia. As fronteiras de Portugal, para os próprios portugueses, têm aqui o seu início e o seu cartaz.

Se esta Exposição, mostrando-nos o que somos e do que fomos e somos capazes, conseguisse compenetrar-nos (porque somos nós os únicos que duvidamos) das prodigiosas faculdades dos nossos recursos e das perspectivas nacionais, teria realizado um dos maiores objectivos da nossa ressurreição, que (o quadro que nos cerca o revela) não espera senão a nossa Confiança e a nossa Fé para ser uma vitoriosa, iniludível e universal afirmação».

Após estas palavras do orador que foi muito aplaudido, e finalizando a série de discursos falou o sr. eng.^o Duarte Pacheco, o qual agradeceu as re-

ferências feitas ao trabalho realizado pelo seu Ministério.

Em seguida o sr. eng.^o Duarte Pacheco visitou mais demoradamente o Pavilhão, cuja descrição fizemos no nosso número anterior.

Antes de se retirar, o sr. Ministro das Obras Públicas felicitou pessoalmente os artistas a quem se deve tão grandiosa obra, apertando a mão aos operários do Barreiro, que construíram a locomotiva em miniatura, exposta no pavilhão.

* * *

Na véspera da inauguração oficial do Pavilhão dos Portos e Caminhos de Ferro, a imprensa, por convite dos organizadores, foi visitar o Pavilhão a inaugurar. Os convidados eram aguardados, pelo sr. eng.^o Branco Cabral, Secretário Geral da «C. P.», que teve a seu cargo a direcção do Pavilhão; Barros Queiroz, Chefe dos Serviços de Imprensa da «C. P.», Cotinelli Telmo, arquiteto chefe da Exposição, autor do projecto e funcionário da mesma companhia; assim como, os srs. eng.^{os} Viriato Canas e Carlos Alves, da Administração Geral do Porto de Lisboa.

Gentilmente acompanharam os visitantes os artistas Nunes de Almeida a quem o sr. Eng.^o Branco Cabral, classificou o seu «braço direito» decorador; Euclides Vaz, autor das reproduções das medalhas que encimam as fachadas; António Santos, escultor, e os srs. eng.^{os} Mândia, Batista, Castelo Branco e Jorge Afonso Nogueira, dirigentes da parte da especialidade ferroviária.

A visita principiou pela Sala dos Portos, síntese do valor económico desses «pulmões» da Nação.

Vêem-se reproduções dos projectos de construção e de melhoramentos dos Portos realizados pelo Estado Novo; barcos característicos de cada uma das regiões piscatórias e finalmente, o plano de melhoramentos a efectuar no Porto de Lisboa. A Capital do Império tem duas classificações: «Olissipo», representada por uma barca fenícia, em baixo relêvo e um «Clipper», magestosa aeronave transatlântica.

Fechando a Sala, há o «livro de contas», interessante gráfico. No «Deve», o que os portos de mar devem ao Estado Novo: alguns milhares de contos, e no «Haver», o que a economia nacional tem a haver do Estado Novo: comodidades no embarque e no desembarque, abrigos para as embarcações, facilidades para as mercadorias, etc. O «Total» é: «A bem da Nação».

Ao lado, em caracteres bem legíveis, a sugestiva legenda que inserimos na entrada deste artigo sobre Pombal, Fontes e Salazar.

Repara-se, depois, numa reprodução exacta da moderna locomotiva 1501 — S. S. e dum «tender», obra realizada por aprendizes das oficinas do Barreiro, diplomados com cursos industriais, cujo peso e comprimento é respectivamente de 3 toneladas e 5 metros.

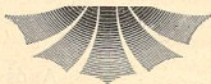
Ladeado o edifício, passamos à parte ferroviária propriamente dita, na qual se vê uma reprodução duma estação de aldeia, em estilo português. Tôrre com relógio e sala de informações, que tem nas paredes grupos fotográficos do país, sobre os quais vai ser colocado a côres o actual traçado ferroviário, com as respectiva estações. Transposta a sala de espera, entra-se numa magnífica carruagem, modernizada nas oficinas do Barreiro. Por um escudo, instala-se na carruagem e então realiza uma «viagem» a Portugal em sete minutos... Esta «viagem» é perfeitíssima. Desde os sinais convencionais da partida à trepidação do comboio, tudo é magnificamente reproduzido.

Este diorama, emprestado em homenagem à Exposição do Mundo Português, pela «Société Nationale des Chemins de Fer Français», permite-nos «ver» Portugal, com as suas amendoieiras em flor, no Algarve; a praia da Rocha, Sagres, as chaminés algarvias; depois o Alentejo, com Évora, a monumental, e a Beja do «Lidador», a Beira, o Minho, Coimbra, a Batalha, Alcobaca, a Nazaré, Fátima, Caldas da Rainha, Óbidos, Santarém e a paisagem do Ribatejo, o Almourol, Mafra, Sintra, Queluz, a Arrábida, o Estoril.

Ao mesmo tempo, que um locutor e nosso colaborador António Montez, numa interessante gravação mecânica, explica-nos quais os aspectos da paisagem portuguesa que o diorama representa a nossos olhos. Simultaneamente, de outra gravação sonora, chegam-nos os sons do folclore da região que estamos a ver.

Finalmente, Lisboa, cujo locutor convida a visitar, bem como, a Exposição do Mundo Português.

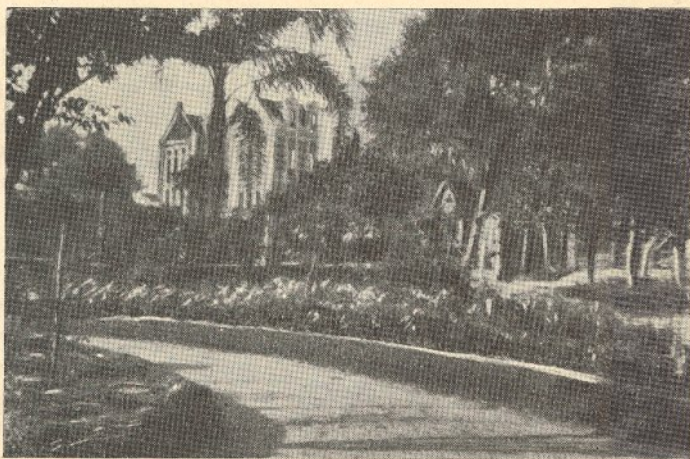
A impressão deixada em todos aqueles que tiveram o prazer, de ver este Pavilhão, é de maravilhosos. Esse punhado de artistas e técnicos que levaram a cabo uma obra tão grandiosa, devem sentir-se imensamente satisfeitos, pois mostraram a estrangeiros, e especialmente aos portugueses, quanto valor existe nos dirigentes e no obscuro operário português.



Comemorações Centenárias nas CALDAS DA RAÍNHA

Prometem atingir uma invulgar grandiosidade as Festas da Província da Extremadura — integradas nas Comemorações Centenárias — a realizar nas Caldas da Rainha desde 11 de Agosto a 15 de Setembro.

A par de uma importante Exposição Agro-Pecuária e Industrial proceder-se-á à inauguração da nova rede de iluminação eléctrica, ape-



CALDAS DA RAINHA—Um aspecto do Parque

trechada com o mais moderno material, que tornará as Caldas da Rainha uma das cidades mais bem iluminadas do país, assim como dos novos e modelares edifícios dos Correios e Telégrafos e da benemérita Misericórdia.

Variados e elegantes pavilhões povoam já o vasto recinto da Exposição, entre os quais se torna justo destacar o edifício do futuro Museu Provincial, o Pavilhão do Estado Novo, o da Caça, e o representativo de todos os Concelhos da Extremadura. Está igualmente assegurada, quer com Stands privativos, quer com mostruários especiais, uma vasta representação, não só da província extremenha, mas também da maior parte do comércio e indústria nacionais.

Finalmente, visando apenas à maior grandesa a dar às Festas, a Câmara Municipal, o Hospital e a Comissão de Turismo contrataram a Banda da Guarda Nacional Republicana para dar concertos no Parque, durante toda a época balnear, o que valiosamente vai contribuir para empearstar às Festas das Comemorações Centenárias, nas Caldas da Rainha, o máximo brilhantismo.

O Cortejo do Mundo Português

e a representação dos Açores

Por CUNHA CORREIA JÚNIOR

VISTOSO, com aquelas galas que caracterizam as arrojadas iniciativas do sr. capitão Henrique Galvão, vimos passar, na Avenida da Índia, em tarde quentíssima de Junho, o lusidio Cortejo do Mundo Português. Não lhe faltaram inteligente organização, sãda concepção histórica, côr, pormenor e brilho, pelo que lhe não podemos negar, senão votar, os melhores e mais justos elogios.

Desde a parte histórica, com as suas figuras bem observadas e desenhadas, até à parte colonial, com a sua larga representação e com o seu interesse, tudo despertou a nossa atenção e o nosso orgulho de português. Desde o carro simbólico da Pátria até aos carros da Mocidade Portuguesa, que fechavam o Cortejo, tudo nos fez vibrar de emoção e de patriotismo. Era a resumida história de 8 séculos de nacionalidade exuberante e fértil que passava ante os nossos olhos — ante os aplausos da multidão entusiasmada e ruídosa.

Mas não entremos em pormenores. Não é a isso que vimos.

A imprensa diária da capital já se referiu, com os merecidos louvores, à excelente manifestação nacionalista, que se realizou em Belém. O nosso intuito agora é focar apenas um ponto: a representação dos Açores.

Quando, de entre a compacta multidão de peões, que se aglomerava nas cercanias da Praça Afonso de Albuquerque, rente com o recinto da Exposição, avistámos o letreiro «Açores», a nossa alegria íntima exultou. E estivemos prestes a gritar para aquela massa de povo: — «Eu sou açoreano! Aí vem a representação da minha querida terra! Ajoelhai, como eu, quando ela passar!» Mas o nosso silêncio, contido muito a tempo, foi bastante oportuno e feliz.

Na verdade, com grande pena o dizemos, a representação dos Açores esteve fraquíssima, muito àquem das nossas possibilidades, da nossa vida e dos nossos triunfos. Apenas S. Miguel, a ilha-raíña, se fez representar, mas mesmo assim sem aquela côr e sem aquele brilho que o caracterizam. Contudo, em relação às outras ilhas,

deu um grande exemplo, uma prova de açoreanismo e de fé, que os restantes povos ilheus devem respeitar e deviam seguir. Sabemos que na Horta esteve em ensaios um grupo de rapazes e raparigas que pretendiam vir cá fora bailar a «chama-rita» no Cortejo do Mundo Português. Por que se não deslocaram até à capital? É a perguntas dêste teor que nós não podemos responder. Contudo, podemos e devemos condenar o fracasso dos que não queriam maçadas.

Não sabemos se Angra fez alguma tentativa no sentido de mandar alguma representação ao Cortejo. O que podemos afirmar é que também de lá não se resolveram a vir.

Depois, os açoreanos repetem, com justificada tristeza, mas sem justificada razão, o estribilho de sempre: que os Açores não são conhecidos na capital, que os continentais julgam que aquilo ali é Africa, terra de pretos, etc., etc. De onde provém 100 por cento das culpas? De nós, da nossa inércia e da nossa preguiça — que nanja das nossas qualidades, muito aproveitáveis, do nosso trabalho, bastante fecundo, e do nosso patriotismo, sempre comprovado. Quando chega, como agora, a ocasião de aparecermos e de mostrarmos o que realmente somos, não nos movemos para nada.

Ocorre-nos, mais uma vez, perguntar: Por que não vieram, então, até ao Cortejo do Mundo Português os distritos de Angra e da

Horta? Ocorre-nos, também, censurar: Por que não houve brilho e côr na representação de S. Miguel? Então os Açores são apenas S. Miguel, e S. Miguel é tão pòbrezinho que não pudesse fazer coisa melhor? Francamente, desculpem os nossos conterrâneos o justificado azedume destas palavras — que, diga-se de passagem, é natural em quem, como nós, ama e preza tanto os Açores — não podemos concordar, e por conseguinte, calar-nos com a indiferença das ilhas perante a Hora da Pátria — perante êstes oito séculos de vida luminosa e de história imorredoura, que Portugal entrou de festejar. Parece que nós, tão portugueses como os portugueses de cá, não quizemos ser portugueses no Cortejo do Mundo Português! Deixai passar o trocadilho.

É, pois, com grande mágua que vimos protestar perante todos os açoreanos do mundo contra a indiferença dos nossos conterrâneos dos Açores. A Hora da Pátria é esta que passa. Ninguém deve fugir ou esquivar-se ao seu dever de português, muito embora êsse dever imponha alguns sacrifícios. Os Açores, dentro daquilo que são e valem, deviam ter-se mostrado à altura de todo o seu valor e de todo o seu patriotismo — tão grandes já na História da Pátria. Não comparécera à chamada. Estamos todos de pêsames.

Resta-nos, porém, a certeza, e esta é inabalável, de que se tivéssemos querido, muito teríamos feito.



Marchas dos Bairros

Alfama

Graca



Tradição das Marchas

Por NORBERTO D'ARAUJO

Remontam aos séculos velhos, em Lisboa, as marchas dos bairros.

A origem deste brinco popular, que se fez tradição, está na prática dos folguedos alfacinhas na quadra dos santos populares. Sempre o povo foi ledo, a dançar e a cantar, nos pátios e quintais, largos e eirados, muito floridos e engrinaldados de balões e bandeirinhas de papel.

E toda a noite eram bailes interrompidos de danças de roda, nas quais participava, não apenas a mocidade namadeira, mas também toda a gente do sítio, da rua, do bico, empoleirada a filarmónica num estrado alto, do qual quasi sempre se via o mar.

Por efeito da fadiga, e como derivado da folgança, de madrugada improvisavam-se marchas — rapazes e raparigas, velhos e crianças, — e ia-se à fonte ou chafariz lavar a cara: eis a origem das marchas populares, que com o andar do tempo, e pela natural emulação bairrista, se converteram numa parada de cor, de luz, de movimento e de alegria, à qual se foi imprimindo a disciplina das músicas, das canções e dos arcos iluminados.

A policromia desta Festa, o seu pueresco e espontaneidade, a graça das raparigas, o tema lírico das cantigas, enfiado de patriotismo e devoção lisboeta, o estribilho popular, os temas ornamentais bairristas — o cravo de papel, o mangierico, a alcachofra, — os balões e lanternas, os arcos engrinaldados, tudo isto num conjunto cheio de bizzaria, de alegria salutar, numa exuberância típica ou artística de trajes — dão às Marchas um encanto singular, nascido de humildade que se vestiu de seda, como nenhum outro espectáculo popular é capaz de oferecer.

S. Vicente

C. Ourique

As Marchas

dos Bairros de Lisboa

Por REBELO DE BETTENCOURT

NAS vésperas e noites de Santo António, S. João e S. Pedro, desfilam pelas ruas de Lisboa as marchas dos bairros populares. Nessas noites, a alma de Lisboa é toda ela uma cantiga de volúpia, de alegria e de amor. Nas vozes môças das raparigas e dos rapazes é a voz maravilhosa e amorosa de Portugal inteiro que canta. Não nos venham dizer, agora, ao ouvir as canções das marchas dos bairros de Lisboa, que a alma do povo é feita de soluços, de tristezas e de desgraça. Não! Todo o sol de Portugal canta nessas vozes ardentes da juventude. E Santo António, S. João e S. Pedro — descem do céu, convivem com as nossas raparigas e os nossos rapazes, dão-nos a ilusão admirável da sua presença espiritual e viva, dão-nos, até, a magnífica ilusão de que o céu se aproximou de nós! E Santo António, que pertence a Lisboa e a Pádua, este Santo António que o Mundo inteiro perfilhou, é, na sua noite, mais alfacinha do que nunca! S. João e S. Pedro, êsses parece que se naturalizaram portugueses, tão lisboetas e tão nossos êles são!

O génio lírico da raça canta a sua beleza e a sua eternidade nos versos e na música das marchas populares. São versos

sândios, valorizados por músicas de ritmos claros; e quem os canta, não só lhes dá toda a juventude do seu sangue, toda a esperança dos seus sonhos, põe nêles também, a vibrar, o sonho e o coração de todos nós!

As marchas passam, luminosas, festivas, e ninguém deixa de se comover, de se alegrar e de se perturbar com a ternura que se exala dessas canções! Elas trazem consigo um clarão de mocidade, e essa mocidade é tão viva e ardente, tão comunicativa e tão sincera que nessas noites festivas os velhos esquecem a sua velhice e os desiludidos o naufrágio das suas mais belas ilusões!

Não! O povo português não é um povo vencido e triste! É vê-lo nessas noites de Santo António, de S. João e S. Pedro, cantando e bailando, como se trouxesse no coração todo o sol claro de Portugal e na boca ardente todas as alegrias e promessas de Deus!

Os bairros de Lisboa têm os seus poetas, as suas cigarras enternecidas, que cantam a glória de viver sob o céu azul de Portugal, terra tão formosa e abençoada que, por amor dela, até os Santos gostam de se sentir compatriotas de Santo António!

Grande Marcha de Lisboa-1935

Música original
de RAÚL FERRÃO

Novos versos adaptados
de NORBERTO DE ARAÚJO

Vai de corações ao alto,
nasce a lua,
e a marcha segue contente.
As pedrinhas de basalto
cá da rua
nem sentem passar a gente.

Nos bairros desta cidade
encantada,
tudo serve de alegria.
E faz-se alegre a saúde
no toque da alvorada,
no toque da Avé-Maria.

ESTRIBILHO

Ai! vai Lisboa
com a saia côr do mar,
e cada bairro é um noivo
que com ela vai casar!

Ai! vai Lisboa
com seu arquinho e balão,
com cantiguinhas na boca
e amores no coração.

Bairro velho, bairro novo,
gente boa,
em casa não há quem fique.
Vai na marcha todo o povo
de Lisboa,
da Graça a Campo de Ourique.

S. Vicente, marcha rica,
que presume,
que linda vai S. Vicente!
As saloias de Benfica
se alegria fôsse lume
incendiavam a gente.

Tôda graça e tradição,
a vibrar,
olha a Marcha do Bairro Alto.
A Festa do Centenário
popular
põe Lisboa em sobressalto.

A Lapa nobre, e plebeia
das varinas,
eis a Marcha que palpita.
S. Bento também se enleia,
pelo braço das meninas
todo taul e catita.

A Graça da Bela Vista
olha a graça,
que bonita que tu és!
A Mouraria fadista
como passa
com chinélinhas nos pés.

Olha o Castelo velhinho
que é a c'roa
desta Lisboa sem par.
Abram, rapazes, caminho
que passa a velha Lisboa
que vai Alfama a passar!

Alcânt'ra de terra e mar,
que ressoa
como a voz das oficinas.
Vejam que graça no andar
— Madragôa —
nas cinturas das varinas.

Passam bairros a cantar
como passa
o pregão duma cantiga.
Deixem Lisboa passar
que passam na nossa graça
pedaços da história antiga.

Grande Marcha Nova - 1940

Música original de RAÚL FERRÃO
Versos de NORBERTO DE ARAÚJO

Lisboa anda agora,
ai rica Lisboa,
de cabeça tonta,
coração à tã.
Mostrando, dengosa,
o Tejo adorado,
o seu balãozinho,
o seu namorado.

Vai a tãda a parte
só para o mostrar,
o Tejo, seu noivo,
o Tejo, seu par.
Sobe ao Bairro Alto,
vai à Madragã;
muito sobe e desce,
Menina Lisboa.

ESTRIBILHO

*Ai lá vai Lisboa mais o Tejo,
cravinho de S. João,
dá-lhe a mão e pisa o pé.*

*Olha o mangerico!
Olha o mangerico!
como aproveitou esta maré.*

«Ajuda-me a ver,
ai balão, balão,
onde está na marcha
o meu coração».
E mostra-o à Graça,
a Alcântara, e a Alfama,
a Campo de Ourique,
S. Bento e à Mourama.

E, trepa ao Castelo,
sobe a S. Vicente,
mostrando o seu par
neste mar de gente.

Corre a Lapa, a Ajuda,
Benfica e a Sé:
Já não há mais sítio,
para pôr o pé.

As marchas catitas
que Lisboa faz,
são tudo rodeios
para o seu rapaz.
Em cada casal
que a marcha conduz,
passa este noivado
num molho de luz.

O Tejo anda lá
na marcha, onde fôr,
pé fresco, ôlho vivo,
encanto de amor.
E o Tejo quiz vir
com cravo e balão,
na marcha da Festa
da nossa Nação.

Não houve nem há
melhor namorado,
noivo mais fiel,
que o Tejo doirado.
Amor de há mil anos
que nunca esmorece:
Nem êle desiste,
nem ela envelhece.

A rondar Lisboa,
que lindo que êle é!
p'ra cima e p'ra baixo
segundo a maré.
E pisca-lhe os olhos
da Barra a Xabregas:
— Que amor delicado!
que noivo piegas!

MARCHA DE ALFAMA

A Marcha de Alfama, que criou nome em Lisboa, foi organizada pela velha e bairrista Sociedade da Boa União, de Alfama, que conta mais de 70 anos de existência. | Alfama é o bairro de Lisboa mais antigo, o bairro Avô, o mais pitoresco da capital e talvez do país. Foi berço da cidade, e apesar do Terramoto, está cheio de encantos, bizarras, graças monumentais e belezas humildes. É bairro marinho, embora a sua população trabalhadora se espalhe pelas oficinas. Tem o Castelo por corôa, o Tejo a seus pés, e a Sé como sentinela do seu passado.

Indumentária: — Remadores das galeotas reais, figurino histórico, execução de José Castelo Branco, e mulheres do séc. XVIII, da transição do «Capote e lenço» para o traje de cintura alta, execução de D. Domicília Campos. — Musicas: marchas de rua e de marcação de Raúl Ferrão, com um estribilho de Pereira Coelho, e versos de F. de Brito. — Ensaíador: Piero.

CANÇÃO NOVA DE ALFAMA

(1940 — Música de Raúl Ferrão)

Envolto de espuma,
coberto de glória,
aqui vai o bairro de mais fama.
Cada rua é uma
página de história
do livro moreno que é Alfama.

Ó Povo, de pé,
que vai a passar
o bairro fecundo
líder d'outrora,
Que levou a fé
nas dobras do mar,
descobrimo o mundo
p'lo mundo fora.

ESTRIBILHO

Cá vai Alfama,
dona do mar,
senhora
gloriosa
de mareantes.
Cá vai Alfama:
deixem passar
Lisboa
orgulhosa
como era dantes.

E Alfama passa
passa a cantar
êste estribilho
que é voz do mar,
voz da fama que ressoa:
— E' gente do mar,
é meia Lisboa!

P'la bravura sua
em heróicas sendas,
sempre a nossa Alfama se destaca.
As pedras da rua
conhecem as lendas,
do Brasil, de Ceuta e de Malaca.

Neste nosso bairro,
as ruas antigas
parecem as prôas
das caravelas.
Na Marcha de Alfama
estas raperigas
parecem as rosas
de uma Capela.

Ha na Alfama ainda,
sempre velha e môça,
restos dum passado de grandeza.
E ela é a mais linda,
e ela é muito nossa,
muito lisboeta e portuguesa.

Alfama aqui vai.
qual lobo do mar,
que no mar se espalha
e a terra atordôa.
Rapazes cantai,
que vai a passar,
a Lisboa velha
da velha Lisboa.

F. de B.

MARCHA DE S. VICENTE

A Marcha de S. Vicente mais uma vez foi organizada pela antiga Academia Recreativa «Leais Amigos» da Calçada de S. Vicente. | O Bairro de S. Vicente, ainda «Alfama de cima», vizinho de Salvador, da Graça, das Escolas Gerais — tem as mais antigas tradições de Lisboa. Foi legitimista, fidalgo e escolar. Hoje é plebeu e nobre, escolar ainda, com notas de infinita graça citadina, e um certo timbre orgulhoso, que não se perde.

Indumentária: — «Peraltas e sécias», do século XIX, figurinos de D. Mamia Roque Gameiro, interpretados por Castelo Branco. Músicas novas dos maestros Raúl Portela e Raúl Ferrão. Versos de Frederico de Brito. Ensaíador: Pedro Cardoso.

MARCHA NOVA DE S. VICENTE

(1940 — Música de Raúl Portela)

É S. Vicente de Fora,
traz um arco e vem daí também.
Entra na marcha e agora
vem todo o bairro
sem ficar em casa ninguém.

A Marcha é um céu aberto
e pode ainda trazer balões aos molhos,
mas dentre todos não traz decerto
balões mais lindos
do que os teus olhos.

ESTRIBILHO

Vai S. Vicente,
Vai
conosco, a pé,
num resplendor.
A nossa Marcha atrai,
vem Santo André
e o Salvador.

A Marcha vai passar
com arco ao teu,
balão contente.
E até a luz do luar
é um balão do céu
pela mão
de S. Vicente.

Marcha não há como a nossa,
foi estudada nas Escolas Gerais.
O bairro até se alvoroça
se houver em Lisboa
marcha igual e amigos mais leais.

Somos braço da Cidade,
e temos a ralé da antiga gente.
É um capricho da mocidade
honrar a fama
de S. Vicente.

OUTRA MARCHA DE S. VICENTE

(1940 — Música de Raúl Portela)

Cá vai a sombra viva
da Lisboa da grandeza,
fidelga sempre ativa
muito portuguesa.

Despiu seu régio manto
e saiu de S. Vicente
com mais luz e mais encanto,
Lisboa aristocrata
que rasgou mais as janelas.

Lisboa já pacata,
fora das vielas,
aqui vai toda componente,
a mostrar-nos
S. Vicente.

ESTRIBILHO

Sao Vicente, que és de Fora
diz-me agora
na verdade
onde levas o meu arco,
se puzeram o teu barco
no braço desta cidade.

A Marcha que dá brado
é a nossa, tem de ser,
o meu balão coitado,
é um sonho a arder.

Pois quem já viu Lisboa
e não viu a nossa marcha
não viu ainda cousa boa;
com toda esta alegria
acordei o bairro inteiro.

E S. Vicente queria
trazer o Mosteiro.
Pois onde fôr S. Vicente
vai o bairro
e toda a gente.

F. de B.

MARCHA DA GRAÇA

A Marcha da Graça é organizada, oficialmente pela primeira vez, pelo simpático Grupo dos Sempre Unidos, da Rua do Vale de Santo António. Graça é um bairro de Lisboa, ativo e trabalhador, dominando a cidade do alto dos seus miradouros, e das encostas a cavaleiro deste Vale. Esplende luz, alegria e movimento. As suas tradições são iguais ao seu progresso constante. O seu nome é a sua característica — graciosidade e encanto, carácter popular e alegre.

Indumentária: — Costumes campesinos, de sugestão portuguesa, em figurinos de inspiração de D. Mamia Roque Gameiro, execução de D. Domicília Campos. Músicas: de marcha e de marcação dos maestros Raúl Portela e Raúl Ferrão, com versos de F. de Brito. — Ensaíador: Charles.

MARCHA DA GRAÇA

(1940 — Música de Raúl Portela)

Aqui vai a marcha mais catita
dos bairros de Lisboa,
em grande animação.
Aqui vai a Graça tão bonita
do Val'de Santo António
que mete um vistão.
Santo António,
Santo António
também vem com seu arco e seu balão.

ESTRIBILHO

*Olhem a Graça,
como se abraça,
como ela cabe num abraço imenso,
como um desejo
cabe num beijo,
e a nossa esp'rança num balão suspenso.*

*Oçam cantigas,
que as raparigas
soltam dos lábios num sorriso novo.
E depois vejam como se avalia
tôda a alegria
do nosso povo.*

Com seu Santo António a marcha passa,
e quantos olhos rindo
a vão a acompanhar.
São a maior graça que há na Graça
e trazem um sorriso
capaz de tentar
Santo António.
Santo António,
sabe o que são milagres dum olhar.

F. B.

DEIXEM PASSAR A GRAÇA

(1940 — Música de Raúl Ferrão)

Deixem lá passar a Graça
que vem na marcha tôda contente,
tem graça que a gente engrêça
com esta graça tão imponente.
Seu balão de forma estranha
deve ser feito por mão d'artista
e a sua luz é tamanha
que vai do Jardim à Penha
e do Monte à Bela-Vista.

ESTRIBILHO

*Nesta alegria
segue a marcha sem parar.
É gente nova!
vã daí, vamos cantar.
Pois vê-se bem
que esta marcha vem da Graça
e tôda a gente que passa
não passa sem vêr também.*

Inda o sol lá vem distante
já eu te vejo, lenço ao pescoço,
de Entre-Muros ao Mirante
'té à Travessa do Mato Grosso;
Marcha assim não há igual
com a alegria por património,
popular, triunfal,
e a marcha que tanto vale
ssai do Vale de Santo António.

Quando a Senhora do Monte
descerra a porta da sua Igreja,
vê-se a cidade defronte
ajoelhada p'lo quer que seja.
E, quando a noite perdida,
à luz do dia abre a vidraça,
o povo acorda p'rá vida,
vê Lisboa adormecida
mesmo aos pés da velha Graça.

F. de B.

MARCHA DE CAMPO DE OURIQUE

A Marcha de Campo de Ourique é sempre popular em Lisboa. A de 1940 foi organizada pela velha Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, com 68 anos de existência. | Campo de Ourique é um bairro que se apoia no passado de Santa Isabel e de Ourique, desenvolvido nos últimos cinquenta anos. Tem ressonância e tradições, que vão de S. João dos Bencasados e Arrábida até à confluência da Estrela.

Indumentária:—Figurinos elegantes, estilizados, de concepção moderna, de composição de Alfredo Moraes e execução de Castelo Branco. — Músicas: de Vasco de Macedo com versos de José Castelo e de Avelino de Sousa. Ensaíador: Januário Ruivo (Janu).

MARCHA DE CAMPO DE OURIQUE

(1940 — Música de Vasco de Macedo)

*O nosso bairro
pode ser um bairro pobre
sem encanto e sem valor
e o mais humilde talvez.
Mas é o bairro
que guarda a tradição nobre
de Afonso, o Conquistador,
o mais bravo Português.*

*As ruas do nosso bairro
são fôlhas dum livro de oiro
cheias de sonho e de glória!*

*As ruas do nosso bairro
são epopeia — tesouro
desta lusitana História!*

*Abre a página formosa
D. Diniz — o lavrador
e aprende o que êle te diz.*

*Rei de fama valorosa,
rei Poeta trovador!
sábio rei, foi D. Diniz!*

*Meu bairro, Campo de Ourique
onde toda a gente canta
não temas qualquer despique;
tu és, meu Campo de Ourique,
de Isabel, Rainha Santa.*

*Vejam Campo de Ourique
— o bairro do nosso amor —
na sua graça singela!*

*O nosso Campo de Ourique
é uma mimosa flor
tendo aos pés formosa Estrela!*

*Campo de Ourique ideal,
berço nosso, delicado,
do coração te queremos!*

*Campo de Ourique, afinal,
é o nosso bairro amado
pois foi nêle onde nascemos!*

José Castelo

FADO DE CAMPO DE OURIQUE

(1940 — Música de Vasco de Macedo)

*Bairro de Campo de Ourique
não é rico nem é chique
mas é da Honra agasalho!
tem na sua tradição,
como legenda e brásão,
a beleza do Trabalho!*

*Bairro de sol e alegria,
que por 'stranha fantasia,
lhe doira as pedras do solo!
Bairro alegre e triunfal
que, p'la arte musical,
rende culto a Deus Apolo!*

ESTRIBILHO

*Campo de Ourique,
bairro de poetas e artistas,
de trovadores e fadistas,
que sabem rir e cantar!
Campo de Ourique,
bairro pobre mas honrado,
onde vibra a voz do fado,
que é a trova popular!*

Avelino de Sousa

ROK

REGISTO 46.917-18

**Fôrro impermeabilizador e isolador
PARA VEDAR ÁGUAS E HUMIDADES EM
terracos, telhados, caboucos, etc.**

Informações técnicas e orçamentos
dão os agentes gerais para Portugal

«Fôrrobéton» R. L.

Escritório: Rua do Barão, 12-1.º—Armazém: Rua do Barão, 18-B

LISBOA — Telef. 2 0752

Armazém de Drogas e Produtos Químicos — B. A. SIMÕES, L.^{DA}

Especialidade em Tintas para Pintura de Barcos — Alcatrão
Norueguês — Coalitar Inglês e Nacional — Estopa Alcatronda

4 e 5, CAMPO DAS CEBOLAS, 7 e 8—LISBOA

Endereço Telefónico: DECOUTINHO

Telefone 2 2505

TEL. 2 4856

ANTÓNIO CARDOSO D'OLIVEIRA L.^{OR} & C.^A

Armazém de Tecidos de Algodão
Depósito de Oleados, Tapetes e Estofos
Estamines para Cortinados

R. Fanqueiros, 168-1.º

LISBOA

A F u n d i ç ã o Tipográfica GINI



DE

MANOEL GUEDES, Limitada

A maior organização fabril nacional de Fundição de Tipo

COLABORA COM AS ARTES GRÁFICAS PORTUGUESAS,

FORNECENDO-LHE IMPECÁVEL MATERIAL TIPOGRÁFICO

Séde em LISBOA
TELEFONE 2 5928

Rua Nova da Piedade, 62/62-B

CAPELISTA CENTRAL

DE

CAROLINA DOS SANTOS FERREIRA

Travessa do Açougue, 4

L I S B O A

COLCHOARIA GALVÃO
de Francelina Vieira Galvão

Estabelecimento de Colchoaria Móveis de
Ferro—Variadíssimo sortimento de riscados
para colchões—Artigos de Zinco, Bidets e
Bacias de pés, Baldes, Regadores, Lã, Su-
madma, Crina, Palha de Milho e Centeio
TUDO A PREÇOS CONVINDATIVOS
LARGO DAS PORTAS DO SOL, 3 E 5
LISBOA Telefone 2 4445

Manuel Simões Claro

Gêneros de mercearia de primeira qualidade

Especialidade em chá e café
Vinhos engarrafados e de meza
Azeites das melhores procedências

Rua do Salvador, 37—Telefone 2 7951

L I S B O A

AMÉRICO MARQUES

com Colchoaria, Móveis de Ferro,
Colchões de Arame e Divans

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

61-Rua do Infante D. Henrique-61

Telefone 2 2903

LISBOA

MERCEARIA ALIANÇA

DE

PINTO & COUTINHO, L.^{DA}

Gêneros alimentícios de 1.ª qualidade e vi-
nhos—Grande sortido de louças esmaltadas,
barro e porcelana—110, Rua do Paraíso, 112—
2-4, Calçada do Cascão, 6 a 10—LISBOA

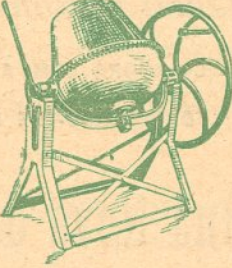
TELEFONE 2 2903

O AZ DOS CAFÉS

OS MAIS SABOROSOS

Casa especializada em chás e cafés
A PREFERIDA NO BAIRRO

R. Infante D. Henrique, 84 — LISBOA

Leitaria DE JORDÃO ALVES Refrigerantes, vinhos engarrafados, manteigas, tabacos, etc. RUA DAS ESCOLAS GERAIS, 59 L I S B O A	LEITARIA DE S. VICENTE DE FRANCISCO ADELINO Especialidade em chá, café e Manteiga de Avenca e Madeira—Leite das melhores qualidades e entrega ao domicilio aos melhores preços—Vinhos do Porto, abafados e de pasto, Licores e champagnes—Serviço completo em Pastelaria.—5-A, RUA DE S. VICENTE, 5-A LISBOA Telef. 25281	TELEF. 22840 PADARIA PRIMOROSA DE RIBEIRO & MARQUES Rua de S. Vicente, 15—LISBOA
Centro Comercial de Lafões DE Custódio Ferreira d'Almeida MERCEARIAS FINAS 13-Rua Infante D. Henrique-21—LISBOA TELEFONE 27116 Preferir o «Café Infante D. Henrique» é prestar homenagem ao pioneiro da nossa epopeia marítima—Compre-o nesta casa	LEITARIA "LUZITANA" Agostinho Pereira de Matos Vinhos finos e de meza—Chás e cafés—Especialidade em manteigas do Norte—Queijos de diversas qualidades—Bolachas—Marmeladas finas, etc. Leite de boa origem—Distribuição ao domicilio sem aumento de preço CALÇADA DE S. VICENTE, 41—LISBOA	MERCEARIA FRATELENSE DE António Dias Miguel Especialidade em carnes e azeites de Fratel 78, C. de S. Vicente, 78 A LISBOA
GERMANO SERRALHARIA CIVIL  MACHADO MECANICA E FORJAS MÁQUINAS PARA BLOCOS DE CIMENTO E BETONEIRAS  Calçadinha do Tejolo, 45-A (A's Escolas Gerais) MONTAGEM E REPARAÇÃO DE MÁQUINAS—PORTÕES, PILARES, GRADEAMENTOS, ESTUFAS E CASAS FORTES—CONSTRUÇÃO DE SALAMANDRAS—FOGÕES DE SALÃO E DE COZINHA, COM E SEM ÁGUA QUENTE, PARA PARTICULARES, EXÉRCITO E HOTEIS—ENCANAMENTOS PARA ÁGUA E VAPOR   TELEFONE 27237 L I S B O A		
FANQUEIRO DO POVO J. P. MARTINS Rua Infante D. Henrique, 6-8-10 FANQUEIRO E RETROZEIRO TINTURARIA Vestidos de senhora por medida	A Estrela do Norte DE MANUEL DO ESPIRITO SANTO 57, 57-A, Rua das Escolas Gerais, 84-A, 84-B e 86—LISBOA Vinhos e Mercenarias, Especialidade em: Azeite, batatas, assucares, bolachas, conservas, bacalhau, farinhas, arroz, café, vinhos, massas, etc.	José da Cunha Anacleto, Jor. Casa de Vinhos, Tabacos, etc. Vinhos das melhores procedências 55 — Rua Infante D. Henrique — 57 Telef. 26979 LISBOA
Casa de Pasto DE ANTÔNIO DE FIGUEIREDO VINHOS E COMIDAS 14 — RUA DE S. VICENTE — 16 Sucursal, RUA SANTA MARINHA, 14 LISBOA	PEROLA DE S. VICENTE DE JOSÉ DA GRAÇA BATISTA Gêneros de primeira qualidade—Carnes recebidas directamente da provincia ESPECIALIDADE EM CHÁ E CAFÉ 62 — CALÇADA DE S. VICENTE — 66 Telef. 26780 LISBOA	Telefone P. B. X. 25854 Narciso António Franco CARNES VENDAS POR GROSSO E A RETALHO RUA DAS ESCOLAS GERAIS, 2 L I S B O A

TELEF. 24865

Serração ★ Carpintaria ★ Marcenaria

António D. G. d'OliveiraMADEIRAS NACIONAIS
ESTRANGEIRAS E CONTRAPLACADAS
FERRAGENS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO**Móveis para T. S. F.****LARGO DA GRAÇA, 28-A
LISBOA**

APTOFONE 2 0933

NOVA MOBILADORA
Calçada da Graça, 12^A e 12^B—**LISBOA****MÓVEIS**TUDO BOM E BARATO
TODAS AS QUALIDADES
TODAS AS QUANTIDADES
TODOS OS GÊNEROS

TELEFONE 2 1509

A GRACIOSA

DE F. PIMENTEL

Chás e Cafés—Artigos de Confeitaria

Calçada da Graça, 12-C **LISBOA****ANTIGA CASA DE PASTO "QUINTAS"**
de **EDUARDO ESPINHEIRA**Largo Rodrigues de Freitas, 19—**LISBOA**Aceitam-se comensais a 200\$00 Esc. — Bebidas de todas as
qualidades. — Preços reduzidíssimos. — Fornecem-se jantares
ao domicílio a 5\$00 Esc. — Uma visita a esta casa é ter a
certeza de ficar satisfeito. — Vinhos tintos recebidos direc-
tamente do Cartaxo—Verdes de Viana do Castelo e Vizela**CASA GONÇALVES** MOBÍLIAS DE QUARTO,
MÓVEIS E COLCHOARIA CASA DE JANTAR
E ESCRITÓRIO**Ricardo Gonçalves**Sempre mais barato 40, RUA DE S. BENTO, 42
TELEFONE 6 0367—**LISBOA****OURIVESARIA E RELOJOARIA**—Variado sortimento em objectos
de Ouro, Joias Modernas e Pratas—**ESTOJOS PARA BRINDES**
Relógios de todos os sistemas e dos melhores fabricantes—Des-
pertadores e Pendulas aos melhores preços**EUFEMIA OLIVEIRA & VIEIRA, L. DA**
COMPRA por alto preço: Ouro, Prata, Moedas, Joias e Relógios
Venda de ouro a peso—Consertos com a máxima garantia
e brevidade75, Rua de S. Bento, 77—**LISBOA****A CAMPOLIDENSE** DE **Casimiro Ramos Pontes**
MERCEARIAGêneros Alimentícios de 1.ª Qualidade—Especialidade em Chá,
Café, Mantigas finas, Cereais, Legumes e azeites das melho-
res procedências. Salchicharia. Carnes frescas, Salgadas e Fu-
madas, das melhores regiões do País79, R. de Campolide, 81
Vila das Águas Livres, 384**LISBOA**
TELEFONE 4 1828

Telefone 58-300

Restaurante FERRO DE ENGOMARMagnífica esplanada—Primoroso serviço
de mesa, com lista variadíssima**RECEBEM-SE EXCURSIONISTAS**Estrada de Bemfica, 441-443 **LISBOA****A PRESTAMISTA DE BEMFICA**

Empréstimos sobre Penhores

SANTOS & ALVES, L. DA

723-D, Estrada de Bemfica, 725-A

Defronte da Igreja Fundada em 1926

Empréstimos ao juro da Lei sobre Ouro, Prata, Relógios,
Brilhantes, Aparelhos de T. S. F., Louças, Roupas, etc.
Compra e vende Ouro e Prata a peso, Aparelhos de T. S. F.
e muitos outros artigos, sempre aos melhores preços.**PÉROLA DE BEMFICA** Telef. 58-385de **ANTÓNIO ALVES GARCIA**Completo sortido de Gêneros Alimentícios
e todo o Material para Instalações Eléctricas658, Rua Direita de Bemfica, 662—Junto à Igreja
LISBOA**Armazens de Bemfica** Telefone 58-385**A. SIMÕES DE CARVALHO**

FANQUEIRO E RETROZEIRO

CAMISARIA E GRAVATARIA

711, Estrada de Bemfica, 713-A **LISBOA****MANUEL MACHADO AGOSTINHO**

FÁBRICA DE MALAS

E TODOS OS ARTIGOS DE VIAGEM

Malinhas para senhora, carteiras para homem
e malas para colegiaisRua da Madalena, 205 **LISBOA**

Telefone 2 9422

F. ATANÁSIO, L. DAEspecialidade em Cafés torrados e moidos
Chás e EspeciariasPrefira **CAFÉ GLÓRIA**R. Vitor Cordon, 26 **LISBOA****CASA DE EMPRÉSTIMOS SOBRE
PENHORES E ANTIGUIDADES**Legalmente autorizada e com fiança—**JUROS DA LEI****JOSÉ MAYER**18, Rua do Loreto, 20—**LISBOA**—Telefone 2 2881

Secção de Ourivesaria e Joalheria antiga e moderna

Mobílias, Pianos, Antiguidades e outros artigos

Não compre mobílias sem ver...

OS lindos e originais modelos
reduzidos preços que a nossa casa lhe apresenta

Se deseja modernizar a sua casa consulte-nos

Trocamos os vossos móveis velhos
por lindas mobílias modernas

TELEFONE PARA 62.931 OU VISITE A CASA

João António Barbosa

NA RUA FERREIRA BORGES, 70-LISBOA

COMPRAMOS RECHEIOS DE CASAS
COMPLETAS - AVALIAÇÕES GARANTIDAS

Agência Barata

Sede: RUA SARAIVA DE CARVALHO, 200

Residência: RUA SARAIVA DE CARVALHO, 182

P. B. X. 61113

*Os melhores auto-cars funebres
Garage e Oficinas próprias*

GARAGE E OFICINAS:

Rua Francisco Metrass, 69 a 73--LISBOA

COSTA & SANTOS, L.^{DA}

DROGAS - FERRAGENS - MADEIRAS

Materiais de Construção

161, R. Marquez de Fronteira, 161-A e 163-A

TELEFONE 47959

LISBOA

Flôr do Bairro de Campolide

ANTÓNIO PAIVA DE MELO

ESPECIALIDADE EM CAFÉS, CHÁS E ESPECIARIAS

R. Vieira Lusitano, 3-A-LISBOA-Telefone 41119

CASA TRIUNFO de PIRES & FERRA

Completo sortido em todos os géneros de mercadorias finas
ESPECIALIDADE EM CHÁS, CAFÉS E MANTEIGAS

158, R. DAS AMOREIRAS, 160 TELEFONE 50461
2, R. DE CAMPOLIDE, 4

L I S B O A

O Barateiro de Campolide

PACHECO, L.^{DA}

FANQUEIRO - RETROZEIRO - CAMISARIA - MALHAS, ETC

Vendemos tudo aos preços mais baixos
do mercado porque só compramos a dinheiro

R. DE CAMPOLIDE, 76
Telefone 41830-LISBOA

P. LUÍS DE CAMÕES
LAGOS

RETIRO ALEMTEJANO de Bernardino José Simões

VINHOS DAS MELHORES REGIÕES

PETISCOS-REFRIGERANTES-TABACOS

JOGOS-MESAS AO AR LIVRE

R. de Campolide, 22

LISBOA

ELÉCTRICA DE CAMPOLIDE

de JOAQUIM DAS NEVES

Artigos para electricidade-Canalizações de água e gaz
Reparações de motores eléctricos-T. S. P.

R. MARQUEZ DE FRONTEIRA, 157-A-Telefone 43510-LISBOA

Padaria

Azevedos & Lopes, L.^{da}

138, Rua Saraiva de Carvalho, 140

L I S B O A

**SALCHICHARIA OCIDENTAL
DE DOMINGOS DA SILVA**

Especialidade em chouriços de carne
e de sangue, morcelas, linguiças, sal-
chichas, farinheiras e presuntos,
Carnes frescas, salgadas e fumadas

81, Rua Saraiva de Carvalho, 85-Telefone
64018, Sucursal: 55, Mercado de Campo d'Ou-
rique, 54 (Em frente ao Mercado do Peixe)

**CASA DE VINHOS E COMIDAS
DE**

MANUEL SEBASTIÃO MARQUES

TABACOS

Rua Saraiva de Carvalho, 77 - LISBOA

**FRANCISCO DUARTE LINO
COM**

LEITARIA E ESTÁBULO

Manteigas, ovos, frutas e diversos

RUA DE CAMPO DE OURIQUE, 170

Telefone 63354 LISBOA

Vaz Ferreira, L.^{da}

Tecidos de Algodão, Linho, Lã e Seda-Espe-
cialidades: Panos brancos, panos para len-
çóis, malhas, atalhados, rouperia, colchas,
seda e algodão para senhora.-Faqueiro, Re-
trozeiro, Mercado, Modas e Confeccções, Ca-
misaria e Alfaiataria-A casa que maior sor-
tido tem e mais barato vende-117, R. Campo
d'Ourique, 121-126, R. Ferreira Borges, 138,
Telefone 46350.-Filial: R. de Campolide,
88 A, B e C, Telefone 44164-LISBOA

Adega das Canôas

RUA CAMPO D'OURIQUE, 159

DE

EDUARDO DE CARVALHO

RETIRO AO AR LIVRE

OS MELHORES VINHOS

TABACOS E REFRIGERANTES

JOAQUIM MATEUS

MATERIAL FOTOGRÁFICO,
ELÉCTRICO E CAPELISTA
MEIAS-CALÇADO

Rua Campo de Ourique, 174

L I S B O A

**MERCEARIA COIMBRA
de José Nunes da Silva Morgado**

Géneros alimentícios de 1.^a qualidade
Especialidade em chá e café, mantei-
gas finas e farinhas peitorais, cereais
e legumes-Vinhos do Porto, abafados
e de pasto-Azeites finos e carnes
fumadas das melhores procedências
PREÇOS SEM COMPETENCIA

205, R. Silva Carvalho, 207-LISBOA

SAPATARIA OURIQUE

123-Rua Silva Carvalho-125

Telefone 60558-LISBOA

Os componentes das Marchas de Lisboa
só podem marchar bem, comprando o seu
calçado na SAPATARIA OURIQUE

Vendas a pronto e a prestações

Sociedade Anónima Brown, Boveri & C.^{ia}

BADEN—SUISSA

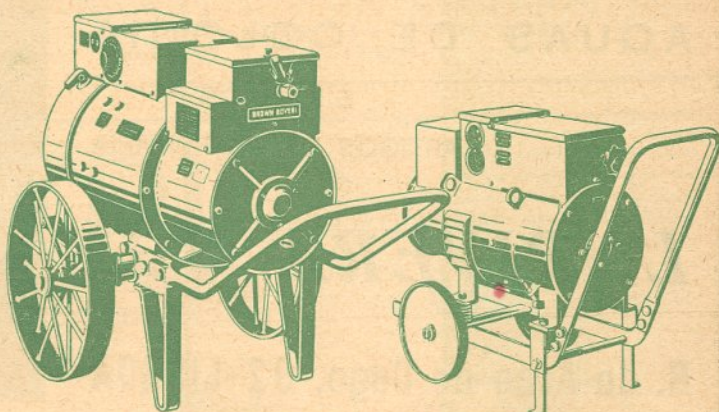
A firma que instalou o maior número de kilowatts nas Centrais Eléctricas Portuguesas—A firma que montou o maior número de turbinas a vapor em Portugal.

Representante Geral
para Portugal e Colónias:

EDOUARD DALPHIN

ESCRITÓRIO TÉCNICO:

Rua de Passos Manoel, 194-2.ª--PORTO



Grupos transportáveis para a soldadura eléctrica pelo arco
:: :: em corrente continua de 80-160 A e 240-500 A :: ::

R. G. DUN & C.^o

DE NEW YORK

Agência Internacional de Informações Comerciais

FUNDADA EM 1841

Escritório em Lisboa

(Direcção para Portugal)

15, Rua dos Fanqueiros

Sucursal no Pôrto

Avenida dos Aliados, 54



PRODUTOS DE ALTA CATEGORIA

SABONETES

LOÇÕES

AGUAS DE COLÓNIA

E OUTROS

ARTIGOS DE PERFUMARIA

L. RIVERA, L.^{DA}

R. do Arco do Cego, 92-LISBOA



A única Perfumaria Nacional que a concorrência pretendeu imitar

A INVICTA CIDADE DO PORTO, CENTRO
FABRIL DE TÃO GRANDES TRADIÇÕES, ESTÁ
AO SERVIÇO DAS ARTES GRÁFICAS PORTU-
GUESAS, POR INTERMÉDIO DA

**Fundição Tipográfica
Portuguesa, L.^{da}**

FUNDADA EM 1874

Séde: Rua Duque de Loulé, 92-A

**TELEFONE 1609
P O R T O**

LUSALITE

Chapas onduladas para telhados, e lisas para tabiques, tetos, isolamentos, etc. Canalisações de água, gaz e vários produtos químicos, industriais e agrícolas para protecção de redes subterrâneas eléctricas e telefónicas, etc.

CORPORAÇÃO MERCANTIL PORTUGUESA, L.^{DA}

RUA DE S. NICOLAU, 123—LISBOA—Telefones 2 2091/3

Enderêço telegráfico: LUSALITE

BOVRIL

O reconstituente ideal, aconselhado pela classe médica, por ser o extracto da melhor carne de vaca de raças seleccionadas e criadas nas férteis pastagens da AUSTRÁLIA e da ARGENTINA



2 ONÇAS



4 ONÇAS



8 ONÇAS



16 ONÇAS

Mantêm inalteráveis todas as suas qualidades conservando-se o frasco hermeticamente fechado com a tampa, de sistema patenteado: A economia exige a compra do frasco maior.

Gostosamente fornecemos amostras, aos Ex.^{mos} médicos para ensaios clínicos.

À VENDA NAS FARMÁCIAS, DROGARIAS, MERCEARIAS, ETC.

A. L. SIMÕES & PINA, L.^{DA}—RUA DAS FLORES, 22—LISBOA

AOS FERROVIÁRIOS

DO CONTINENTE
E DO ULTRAMAR

DESCONTOS DE DEZ POR CENTO

na «Escola Comercial Portuguesa, por Correspondência», Rua do Arsenal, 54, 3.^o—LISBOA
(FUNDADA EM 1930; E AO ABRIGO DO DECRETO N.^o 23.447)

EM DOZE OU EM VINTE MEZES, HABILITAÇÃO GARANTIDA PARA GUARDA-LIVROS

Ensino fácil, ao alcance de todos: Escrituração Comercial, Contabilidade, Estenografia, Caligrafia, Dactilografia, etc.. Planos de estudo, preços, etc., no livro ESTUDE EM SUA CASA que se envia, grátis, a quem o pedir.



MALA REAL INGLEZA (ROYAL MAIL LINES, LTD.)

Continuam regularmente as carreiras para Madeira, Las Palmas, S. Vicente, Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, e Buenos Aires, e no regresso da América do Sul para Vigo, Coruna, Cherbourg, Boulogne, Southampton e Londres. Todos os paquetes desta antiga Companhia têm as mais modernas condições de conforto e segurança. Agentes para passagens e carga: Em Lisboa: Para os paquetes da classe «A» James Hawes

& Co. Rua Bernardino Costa, 47-1.^o Telefones: 2 3232-3-4. Para os paquetes da classe «H» E. Pinto Basto & Ca. Lda. Avenida 24 de Julho, 1-1.^o Telefones: 2 6001 (4 linhas). No Porto: Tait & Co. Rua Infante D. Henrique, 19 Telefone: 7.



TELEF. 22422

A INDUSTRIAL TYPEWRITER

DE

MENDES & CAEIRO, L.^{DA}

2, Calçada do Ferregial, 4

LISBOA

MÁQUINAS DE ESCRIVER — Reparações e Reconstruções

Grande stock de máquinas de todas as marcas, peças e outros acessórios
Compra, venda e aluguer — CONTRACTOS DE LIMPEZA

Ponta-Filtro «RAFFA»

PATENT. NO MUNDO INTEIRO

Medalha de prata no Concurso das Invenções de 1935

Absolutamente virgem de todos os produtos químicos adapta-se a todo o cigarro, absorve e retém *realmente* 90 0/0 da nicotina, 70 0/0 de piridina e 90 0/0 de amoníaco contidos no fumo do tabaco (análises oficiais). Torna o uso do tabaco inofensivo, sem alterar o aroma nem o gosto. Protege os lábios, os dentes e transforma instantaneamente todo o cigarro em cigarro de luxo. Faz economizar ao fumador 1/5 menos de tabaco, e faz com que não custe nada.

CADA PONTA-FILTRO PODE SERVIR PARA 5 CIGARROS
A' venda nas boas tabacarias do país ao preço de 3\$00

Agentes Gerais: BERNARDO GARCIA, Lda — RUA DA PRATA, 247
Telef. 20251 Distribuidores: LISBOA, Lisboa Estoril, Lda., Largo do Corpo Santo, 9, PORTO, J. Pacheco Simões, R. da Pontinha, 115

ANTÓNIO ALVOEIRO & C.^A

Louças de Porcelana, Alumínio e Esmalte
Vidros e Cristais — Talheres e Cutelarias
ARTIGOS DE MENAGE — Completo sortimento de escovas para fato, dentes, cabeça, etc. — Vassouras de diversos modelos, Capachos — Palma, Piassabas, Junco, etc.

Calçada do Combro, 34 a 36-A

Telefone 21583

End. Teleg. ALVOEIRO

FORNECEDORES DA C. P.

CALO

Experimente o Calicida
Triunfo! O único que eli-

mina a dor à primeira
aplicação. 3 dias
bastam para a
extração

com

pleta



A venda nas Farmácias e drogarias.

Deposito: Farmacia Valentim — R. Poço dos Negros 88-90.

TELEFONE
613531,50 é
o custo
de cada
caixinha

PÓS DE KEATING
MAS TEM DE SER KEATING

O SUISSO ATLANTICO HOTEL

Roga que experimentem o seu tratamento e preços sem confronto. Muito especial para família. Condição unica pelo socego.

Rua da Glória, 3 — Telefone 21925

A BIBLIA SAGRADA

Sem a BIBLIA a melhor biblioteca fica incompleta
Várias traduções. Preços acessíveis

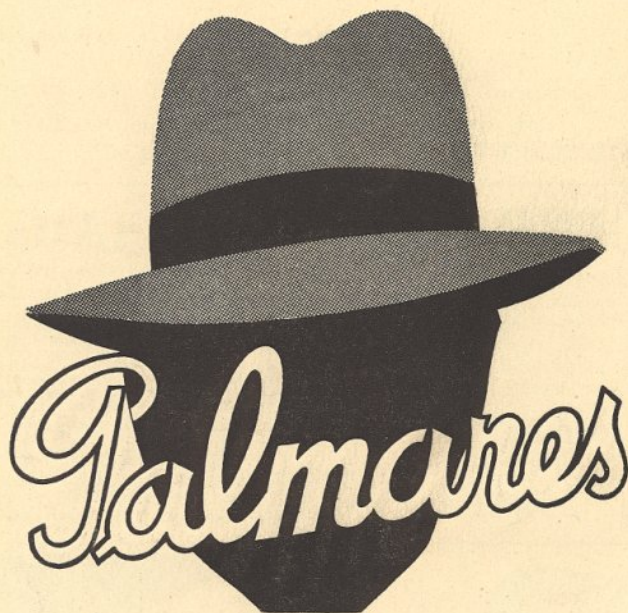
SOCIEDADE BIBLICA — Praça Luiz de Camões, 20-Lisboa

Visite o CAMARÃO AZUL

Aperitivos — Vinhos Finos — Guisados — Um «retiro pacato» à moda antiga com conforto moderno

RUA DAS TRÊS PERNAS — Bairro Comercial da Exposição do Mundo Português

A PRIMEIRA
MARCA
PORTUGUESA



MODELOS E CÔRES
EXCLUSIVAS

UNICO VENDEDOR EM LISBOA

PHOEBUS

Camiseiros — Chapeleiros

RUA DO OURO, 289